

# REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.

RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso ..... 2\$00

Assinatura anual ..... 20\$00

ANO XXI

MARÇO DE 1960

N.º 162

## HINO DA SEMANA DE ORAÇÃO



Cris - to de - se - ja dar-me a su - a mão; Cris-  
Quan-do Je - sus me mostra o meu de - ver, Quer

-to de - se - ja tra - zer-me a sal - va - ção. Po - dem  
con - ce der - me tam - bém o Seu po - der, Pa - ra

te - mo - res grandes me assal - tar, No bom ca - mi -  
que o po - ssa com a - mor cum - prir. Com hu - mil - da -

-nho não i - rei er - rar, Pois Cris - to de - se - ja  
-de o Mes - tre vou se - guir, Pois que - ro a Je - sus me -

me a - ju - dar.  
- lhor ser - vir.

SEMANA  
DE  
ORAÇÃO

19 A 26

DE MARÇO DE 1960

«E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

«Fiel é O que vos chama, o qual também o fará». II Tess. 5:23 e 24.

## DISPOSIÇÕES GERAIS

Fazei os vossos planos com algumas semanas de antecedência em estreita colaboração com o pastor da Igreja. O seu conhecimento dos problemas locais e seus contactos com os interessados podem dar-vos uma ajuda inapreciável.

Estabelecei uma lista dos jovens da Igreja que arrefeceram espiritualmente ou que manifestam desinteresse ou negligência na frequência às reuniões M. V. Estas informações podem ser obtidas através dos membros de Igreja por meio de fichas que lhes serão entregues e onde estes assinalarão os casos por eles conhecidos.

Organizai grupos de oração e reparti por estes grupos os nomes da lista acima mencionada. Estes

grupos reunir-se-ão regularmente uma ou duas vezes por semana no período precedente ao início da Semana de Oração.

Constituí equipas de contacto ou de amizade. Dai a cada um dos M. V. da vossa Sociedade o nome dum jovem do exterior com o qual ele experimentará ligar relações amigáveis (isto sobre um plano estritamente social e fora de qualquer ideia religiosa). Quando chegar a época da Semana de Oração estes MV convidarão simplesmente o seu amigo (a) a assistir.

*Comité.* O Comité da Semana de Oração compreenderá o Pastor da Igreja, o Presidente e o Vice-Presidente da Sociedade MV, o Chefe

das Classes Progressivas, eventualmente o professor da escola da Igreja e um jovem MV designado.

*Serviço de ordem.* Se as vossas sessões forem frequentadas por um grande número de jovens, organizarai com antecedência uma equipa de recepção — jovens vestidos da mesma maneira sem exigir por isso um uniforme — que introduzirão os seus camaradas e assegurarão o serviço de ordem nas reuniões.

*Publicidade.* Preparai com a devida antecedência uma equipa encarregada da publicidade — distribuição de prospectos, colocação de cartazes, etc. — cujo trabalho consistirá em suscitar no seio da Igreja e no exterior um interesse poderoso a favor das reuniões.

---

## DISPOSIÇÕES PARTICULARES

### DESTINADAS A ASSEGURAR O SUCESSO DAS SESSÕES

1 — *Pontualidade.* Começai e terminai à hora prevista.

2 — *Ambiente.* Sede entusiasta e dinâmico na introdução e condução das sessões.

3 — *Música.* Produções musicais variadas darão às sessões um timbre apreciado. Escolhei-as de tal maneira que elas possam contribuir para a elevação espiritual dos vossos jovens ouvintes. (Uma poesia recitada com competência sobre um fundo musical, a explicação das circunstâncias associadas à origem dum cântico que vós fareis em seguida cantar pela assistência, ou uma espécie de jogo consistindo em fazer ouvir extractos de cânticos, dos quais vós fareis adivinhar os títulos, serão infinitamente preferidos aos trechos apresentados por maus executantes).

4 — *Visitantes.* Ponham as visitas à-vontade introduzindo-as

perto das pessoas de seu conhecimento ou colocando-as ao lado de uma destas pessoas amáveis que irradiam espontaneamente uma corrente de simpatia.

5 — *Grupos de oração.* Especialmente constituídos para esta ocasião; estes grupos reunir-se-ão antes (ou depois) de cada sessão. Listas de oração lhes serão comunicadas à medida que serão assinalados os casos necessitando uma intervenção mais poderosa.

6 — *Testemunhos e experiências.* O programa de cada sessão incluirá alguns instantes consagrados num dia aos testemunhos pessoais, no dia seguinte às experiências vividas, etc.

7 — *Questionários.* Questionários do tipo «Verdade ou Mentira» — «Escolhei a resposta exacta», etc. preparados sobre temas

bíblicos, facilitarão a introdução das sessões ou terão os jovens animados no intervado entre duas sessões.

8 — *Equipes de contacto ou de amizade.* Os jovens do exterior que assistem às reuniões encontrarão a atmosfera susceptível de os reter no quadro das equipas de contacto e de grupos de amizade.

9 — *Integração dos interessados.* Ao terminar a Semana de Oração, guardai sempre contacto com os novos elementos e convidai-os a associarem-se às actividades da Sociedade dos MV.

10 — *Os dias seguintes.* Não considereis o vosso trabalho acabado com o fecho da Semana de Oração, mas fazei de maneira com que o fervor assim suscitado contine sempre um lugar o que é o melhor meio de evitar a queda.

(Sábado, 19 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*na leitura da Sua Palavra*

A Bíblia é um mensageiro de boas novas e não o melancólico profeta anunciador das piores catástrofes. A palavra alegria encontra-se na Bíblia, nada menos de 164 vezes; a palavra regozijar-se repete-se 191 vezes. O pecado cavou um fosso entre Deus e o homem. A Escritura oferece-nos a ponte que permite atravessar esse abismo. Ela dirige-se a nós, condenados à morte, para nos comunicar uma mensagem de graça; convidamos a nós, os aflitos, os perseguidos, os desiludidos, a nos levantarmos para proclamar o vibrante testemunho da nossa fé. «Regozijai-vos sempre no Senhor: outra vez vos digo, regozijai-vos.» (Filip. 4:4.

É bastante estranho que através da sua longa narração, a Bíblia tenha sido considerada por muita gente como qualquer coisa que só lembra tristes e soturnos sacrifícios de todos os verdadeiros prazeres da vida.

Talvez que esta atitude negativa tenha começado no tempo da infância, quando se ouvia falar da Bíblia como uma triste limitação e proibição daquelas coisas, que mais se desejariam fazer. Aparecia, então, como uma restrição da liberdade. Tem-se apresentado a Bíblia, não só como um livro insípido e triste, mas também como obscuro e difícil de compreender, e que não merece que se gaste a nossa atenção nem o nosso tempo.

Como é fácil, assim, que a Bíblia perca a sua pujante vitalidade, e que deixe de ser essa admirável fonte de alegria e de entusiasmo por Deus e pela vida! Jesus não pode ser honrado na Sua Palavra sem que a alegre nota da vitória seja ouvida por cima de todos os sofrimentos da humanidade.

Um jovem confiou, certa vez, a um ministro que os «vistos que», os «portantos» e os «não farás» que encontrava continuamente na Bíblia o haviam confundido tanto, que não era capaz de extrair nada de animador, da sua leitura. Acrescentou que também as capas negras da Bíblia não o dispunham bem.

Aquele jovem não lia a Palavra de Deus com as verdadeiras disposições de uma alma que deseja encontrar a vontade de Deus. Tinha o espírito cheio de pessimismo e de formalismos, considerando-a sob um prisma meramente humano, em ar de crítica, sem procurar descobrir nela a Palavra de Deus, mas apenas o aspecto humano. Ora a Bíblia não é nem um catecismo, nem uma colecção de textos históricos ou poéticos; é o Livro da Vida acerca da vida e para a vida.

**Jesus e a Bíblia**

O facto mais significativo sobre a Bíblia é o de nela estar fundada a revelação de Deus, em Jesus Cristo. Não conheceríamos o propósito de Deus a nosso respeito, se não tivéssemos a Bíblia. Tudo quanto sabemos acerca do plano da redenção, da vida, da morte e do ministério de Jesus, encontra-se na Sagrada Escritura. Em qualquer outra parte, que não seja a Bíblia, só encontramos advertências, insinuações, avisos, como por exemplo, nas obras da natureza, para nos falarem de Deus, e não para nos revelarem o plano divino da redenção. Eis o que diz a este respeito o famoso explorador David Livingstone: «Tudo o que sou, tudo o que devo a Jesus Cristo, tudo isso só me

foi revelado através do Seu Livro divino».

Provavelmente, Jesus não possuía nenhuma Bíblia, isto é, não tinha nenhuns daqueles rolos em que estava escrito o Antigo Testamento, pois não tinha dinheiro para os comprar. Aprendeu, porém, a Bíblia, no lar, ouviu ler e leu os rolos na sinagoga, meditou muito sobre as verdades divinas e também orou muito pelos assuntos contidos nas sagradas páginas. A este respeito, quão privilegiados não somos nós, neste nosso tempo, visto termos à nossa disposição, os exemplares que quisermos, da Sagrada Escritura!?... Mas muito mais importante que o simples facto de possuírmos, como nossa propriedade pessoal, um exemplar da Bíblia completa, é o espírito com o qual nos dispomos a lê-la.

Tudo quanto Jesus disse, tudo quanto esclareceu ou exemplificou, tudo quanto explicou, — tudo isso se encontrava na Sagrada Escritura, isto é, no Velho Testamento, pois só este é que então formava a Bíblia, como se sabe. E o Salvador estudou, profundamente, a Sagrada Escritura, desde a sua meninice. Na sinagoga de Nazaré, Jesus leu no rolo escriturístico, um passo relativo à sua divina Pessoa, tornando-se, cada vez mais ciente e consciente acerca da sua missão, como Messias e como Filho de Deus. Por isso, da mesma maneira, cada um de nós pode descobrir na Sagrada Escritura estas mesmas verdades, adquirindo, assim, a firme convicção de que Jesus é o Filho de Deus, o nosso Salvador.

Nunca será demais insistir em que os ensinamentos de Jesus, todo o seu ministério assentava, largamente, nas provas que o Salvador

apresentava tiradas da Sagrada Escritura. Basta pensarmos nas referências que Jesus faz ao Dilúvio, a Noé, a Salomão, a Moisés, a Sodoma e Gomorra, a Jonas, à Lei, e a tantos e tantos outros acontecimentos e pessoas. Jesus viu-se adentro da história, realizando, plenamente a sua missão, cumprindo, cabalmente o plano divino, revelado na Sagrada Escritura. Foi este conhecimento profundo da Bíblia que lhe deu a força suficiente para defrontar o sofrimento, assim como a compreensão exaustiva do pecado e do sofrimento dos outros. Algumas das suas parábolas surgiram de ideias e de acontecimentos do Antigo Testamento, assim como todo o seu ensino se baseava no facto de que o Antigo Testamento não deveria ser substituído, mas que pelo contrário deveria completar-se e cumprir-se n'Ele mesmo.

A pessoa de Jesus é totalmente inseparável da Bíblia. Falar de Jesus, sem falar da Bíblia, só pode levar a um sentimentalismo vazio, porque Jesus não pode ser compreendido, cabalmente fora dos grandes acontecimentos históricos relacionados com a sua vida e com a sua morte. A sua encarnação, a sua vida e a sua morte, a sua ressurreição, a sua ascensão e o seu ministério celestial, estão expressamente revelados na Sagrada Escritura — e não há salvação fora deles.

Quando Satanás citou a Sagrada Escritura a Jesus, não surtiu efeito (Mateus 4:1-11); mas quando Jesus citava a Sagrada Escritura, a sua citação tinha poder de convicção e de conversão porque a sua vida estava de harmonia com os seus preceitos.

«A Sagrada Escritura não contém nada que não seja essencial; tudo o que ali está revelado diz respeito ao progresso das nossas vidas. Quanto maior for o nosso amor para com Jesus, tanto mais profundamente consideraremos a Bíblia como a voz de Deus que nos é directamente dirigida.» — *Testemunhos*, vol. 5.

## Requisitos para o estudo da Bíblia

É muito importante preparar, devidamente, o nosso espírito para o estudo da Sagrada Escritura, pois só assim poderemos colher todo o precioso fruto das lições. Não será meramente por acaso que poderemos colher o incalculável benefício que se retira do seu estudo. Podemos iniciar o seu estudo numa atitude de expectativa, de curiosidade ou de investigação, do mesmo modo como se inicia uma viagem. A nossa experiência diária do estudo da Sagrada Escritura dir-nos-á que os seus tesouros são inesgotáveis e que nunca poderemos dar-mo-nos por satisfeitos, pois teremos, sempre novos conhecimentos a extrair, todas as vezes que nos debruçamos sobre as páginas do Livro Sagrado para o estudarmos atenta e amorosamente.

As vantagens que poderemos retirar do estudo da Bíblia não são para serem ganhas através de uma leitura fria, insensível, ou de acordo com os métodos científicos de qualquer crítica moderna. Temos de nos deixar revestir do espírito divino que se exala das suas páginas, sujeitando-nos docilmente às suas determinações, ouvindo, atentamente, as suas mensagens e entrando, decididamente, nas experiências que nos recorda.

Nunca a Sagrada Escritura deverá ser lida como uma história, nem como um simples livro de história. É, sim, história, mas com um objectivo especial e com um determinado significado, que temos de investigar e de descobrir. Também não se pode considerar como um simples livro de texto de doutrinas, muito embora as suas doutrinas tenham um significado eterno. Nem a Sagrada Escritura se limita a apresentar um qualquer sistema filosófico, muito embora contenha a maior filosofia da vida, que jamais se conheceu. Também não se limita a exhibir um simples esquema de psicologia, apesar de não haver nenhum outro livro, no mundo, que pinte, mais clara e

mais precisamente todo esse trabalho maravilhoso do espírito humano.

Pois bem; a Sagrada Escritura deve ser lida à luz que irradia da Pessoa adorável do Salvador, o Filho de Deus vivo. Temos de apresentar, com toda a simplicidade e confiança, as nossas mentes e os nossos corações à influência benéfica da Sagrada Escritura, que se nos apresenta como uma revelação da desesperada necessidade do homem perdido e do amor de Deus sempre em busca deste mesmo homem transviado.

Quando pegarmos na Bíblia com um certo sentimento de constrangimento, podemos estar certos de que perderemos os seus melhores tesouros.

Há algumas pessoas que a leem, numa maneira rotineira, apenas na hora do culto, ou em qual quer outro momento do dia, mas pela rotina. É um bom hábito, decerto, mas não é tudo. Há, ainda, os estudantes dos cursos teológicos, dos cursos escriturísticos que a estudam, sim, mas à luz de uma disciplina de que é necessário fazer exame, para se obterem os diplomas que os acreditam como ministros licenciados como pregadores. Também é bom este estudo; é mesmo indispensável; mas também não é tudo. Ainda há outras pessoas que a leem, porque ouviram dizer que a sua leitura é necessária para a salvação. Também não é esta a leitura que devemos fazer, de Sagrada Escritura.

Lendo-a, ainda, sob qualquer outra forma de constrangimento, o seu resultado poderá vir a ser uma desagradável decepção, uma grande secura espiritual, porque, efectivamente, não é assim que devemos ler a Palavra de Deus.

Eis o que a nossa Irmã White escreve acerca do estudo da Bíblia:

«Devemos pôr em exercício, em actividade, cada um dos nossos músculos espirituais para compreendermos a Sagrada Escritura. E depois de uma longa disciplina da inteligência, depois de um grande

exercício de paciência, depois de profunda meditação, entrando em actividade o homem integral, então encontraremos, finalmente, a revelação das maravilhas que ela encerra.» — *The Bible Echo*, 20 de Novembro de 1899.

### Métodos para o Estudo da Bíblia

O primeiro método pode considerar-se puramente analítico e crítico, tendo como objectivo procurar desacreditar a Sagrada Escritura perante a ciência moderna. É uma atitude racionalista, que procura negar a inspiração divina.

Outro método consiste em procurar ideias talvez úteis, mas simplesmente humanas, como fruto de maduras experiências de um povo antigo. Tal estudo não pode produzir bons frutos.

Também se pode ler, pelo simples prazer de ler, talvez sem nenhum objectivo específico, limitando-se a aguardar qualquer bom pensamento. Este método já é alguma coisa, porque então a mente encontra-se alerta e está receptiva, pois Deus, nestas condições, pode falar a uma tal alma. Este método de leitura traduz o caso de uma pessoa que ouça uma boa música, só pelo prazer de ouvir os sons, os acordes.

Há, porém, evidentemente, outras tonalidades e muitas outras harmonias e encantos que se podem descobrir na mesma música, e, portanto, na leitura da Bíblia.

«O ensino mais valioso da Sagrada Escritura não se adquire mediante um estudo irregular ou ocasional», — escreve a Irmã White. «O seu grande sistema de verdade está disposto para ser apresentado, não para ser discernido pelo leitor descuidado ou apressado. Muitos dos seus tesouros não se encontram à superfície; por isso, só podem ser descobertos, mediante um esforço diligente e contínuo. As verdades que deverão ir crescendo até formar um todo admirável, devem ser rebuscadas,

paulatinamente, e recolhidas, uma a uma, «apanhando aqui um pouco e acolá outro pouco.» — *Signs of Times*, 19 de Setembro de 1960.

Talvez que um dos métodos mais frutuozos para o estudo da Bíblia, e, porventura, um dos mais desprezados, venha a ser o estudo dos seus vários livros. Em cada um dos seus livros encontra-se uma grande unidade, constituindo a unidade básica da Bíblia, mais saliente que a dos versículos ou dos capítulos. Assim, por exemplo o Livro de Job toca um dos mais profundos problemas que podem preocupar a mente humana; a Epístola aos Filipenses expressa, visivelmente, a radiante alegria cristã; o Evangelho de S. Lucas é uma reconstituição vibrante da vida de Jesus; e assim por diante, através de toda a Bíblia. Podemos afirmar com toda a segurança que as mensagens das Sagradas Escrituras entendem-se melhor quando são estudadas no seu conjunto.

O estudo do carácter na Bíblia é deveras acessível e muito instrutivo. O ser humano, por via de regra, considera, sempre, qualquer ponto de vista que lhe interessa, perante os outros seres; por isso, muitas das lições da vida podem ser aprendidas mediante a observação do nosso semelhante, vendo à maneira como se comporta perante o sofrimento ou a alegria, observando as suas vitórias e as suas derrotas, principalmente quando estes acontecimentos foram registados pela inspiração divina para nossa instrução.

Pensemos, por conseguinte, nessa enorme série de homens, mulheres e crianças que desfilam perante os nossos olhos, nas páginas da Sagrada Escritura: ali encontramos santos, pecadores, velhos, novos, crianças, ladrões, assassinos, reis, escravos, profetas, sacerdotes, pescadores, marinheiros, soldados e tantos e tantos outros. Não há nenhum livro de psicologia que nos apresente maior variedade de caracteres, maior diversidade de personalidades e de maneiras de proceder, do que a Bíblia.

Um outro método, bastante proveitoso, para estudar a Bíblia, consiste em estudar cada um dos versículos, um após outro. A nossa Irmã White aconselha este método: O estudante deve tomar um versículo, e concentrar nele toda a sua atenção, procurando conhecer e profundar o pensamento que Deus colocou naquele mesmo versículo para ele próprio, isto é, para o leitor, para o estudante; procurando apoderar-se do pensamento expresso no versículo em questão, esse pensamento tornar-se-á como que propriedade do leitor. Um passo da Sagrada Escritura estudado, assim, até que o seu significado se torne claro, tem mais valor do que a mesma leitura atenta de muitos capítulos, sem um objectivo definido, não se ganhando, portanto, nenhuma instrução com este método.» *Educação*, pág. 189.

O estudo de problemas tirados do ponto de vista da Bíblia, atrai bastante a juventude. É na Bíblia que se encontra a resposta última a cada um dos problemas da vida, a cada uma das aspirações do coração.

A Bíblia também nos ensina como devemos orar, como devemos ser fiéis às nossas convicções, e ainda como devemos encontrar a vontade e os planos de Deus a nosso respeito. Igualmente nos ensina a maneira como devemos defrontar as nossas decepções, como nos devemos comportar com os nossos ressentimentos, e, ainda, como nos poderemos compreender a nós mesmos. É um filão inesgotável de sabedoria para todas e quaisquer necessidades, em todas as circunstâncias da nossa vida.

É claro que há muitos métodos ou processos de estudar a Bíblia, inclusive, o estudo verbal, doutrinário e tópico.

Também podemos ler a Bíblia, de várias maneiras: — com um lápis na mão, para sublinhar os passos, ou então com a mente completamente afrouxada, deixando que a Palavra fale por si mesma. Pode ser estudada com a mais

(Domingo, 20 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*Nas nossas Decisões*

As histórias de Saúl filho de Kish, rei de Israel, e de Saulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, revelam claramente a importância das decisões na vida cristã. Ambos chegaram a pontos de decisão, ambos fizeram decisões, e então foram em direcções opostas.

**Saúl, Filho de Kis**

Quando Israel pediu um rei, um filho da tribo guerreira de Benjamin, Saúl, foi designado e ungido. Alto, belo, inteligente, mas humilde diante de Deus, esse jovem tinha a afeição dos seus súbditos e o respeito dos seus inimigos. Consagrou-se de alma e coração à luta contra os opressores de Israel, em especial os Filisteus e os Amonitas, e conseguiu brilhantes vitórias.

Foi então que ocorreu um incidente que devia ter graves consequências e pôr à prova a sua obediência a Deus. Durante sete dias, Samuel não compareceu para o sacrifício e o exército começou a debandar. Então, contra a formal proibição da Lei, Saúl resolveu oferecer ele próprio o sacrifício. Não tinha ainda terminado a cerimónia quando Samuel se apresentou. Reprovou severamente o rei por desobediência e vaidade. Esta decisão fatal foi o primeiro passo no caminho do fracasso e da ruína. A partir desse dia, a trágica história segue o seu curso. A maldade, lentamente, irresistivelmente, toma posse do coração de Saúl. Quantas pessoas rejeitam Deus deste modo, seguindo a sua própria vontade, depois recusando o cumprimento dum dever, enfim,

cometendo o pecado deliberadamente.

A segunda prova sobreveio vários anos mais tarde, quando da guerra contra os Amalequitas. Exército, rebanhos, tudo devia ser declarado interdito. Porém o exército vitorioso não via com bons olhos escapar-se um tão excelente despojo. Assim Saúl poupou a vida do rei e permitiu ao povo apoderar-se das melhores cabeças de gado, dos cordeiros nédios, de tudo o que havia de bom. Samuel, importuno como um protesto da consciência, meteu-se no assunto. A desculpa com que Saúl tentou justificar-se — o povo, dizia, havia poupado aquele gado para o oferecer em sacrifícios ao Senhor — era demasiado fútil em face da ordem formal que tinha sido dada por Deus. Saúl não o ignorava!

subtil das análises, mas sem nenhum aspecto escolástico, ou ainda com o mais concentrado dos estudos escolásticos. É, sempre, a Bíblia, efectivamente, o Livro de todos e de cada um dos homens.

Disse William Lyon Phelps: «Tenho para mim que um conhecimento da Bíblia sem um curso tirado num colégio é mais valioso do que um curso tirado num colégio sem a Bíblia.»

**A Bíblia e os homens**

A maior impressão que se colhe de uma simples leitura da Bíblia, é a de que, naqueles tempos, viveram homens e mulheres que tiveram, indubitavelmente, um profundo sentimento da presença de Deus, tais como Isaías, que

tendo-se dirigido ao Templo para adorar a Deus, encontrou o lugar sagrado repleto da divina presença. Igualmente lemos nas páginas da Sagrada Escritura como tantos e tantos homens se conduziram tanto na sua vida particular, como pública; como se desenvolveu a sua experiência religiosa com Deus. Ali encontramos homens de profundas convicções, no meio da confusão e da desilusão, e que se mantinham firmes na sua crença. E, contudo, não eram perfeitos. Dificilmente se não encontrará, na Bíblia, qualquer das espécies da fraqueza humana; mas também ali encontramos homens consagrados, dedicados à causa de Deus. E estes homens não viviam separados das lutas e dos sofrimentos das massas que desejavam conhecer o significado de tudo e que gritavam

por qualquer revelação acerca dos desígnios e propósitos da vida.

A Bíblia cresceu de entre as experiências vitais de homens que experimentaram, profundamente, grandes calamidades, assim como tiveram grandes alegrias; ainda hoje mesmo, também a Bíblia procura tocar os homens precisamente no ponto das suas maiores necessidades.

É assim que Jesus, a Palavra viva, surge vivo nas suas mensagens, e ressalta de cada uma das suas páginas com o seu espírito vivificante. Disse Woodrow Wilson, que foi Presidente dos Estados Unidos: «Quando lemos a Bíblia, ficamos a saber que é a palavra de Deus, porque encontramos nela, a chave do nosso próprio coração, a nossa própria felicidade, e o conhecimento do nosso próprio dever.»

## Declínio e queda de Saúl

Como sempre, as causas profundas do fracasso eram interiores. Esquecendo a sua vocação, e afastando-se do caminho da obediência, Saúl deu livre curso às tendências perigosas do seu carácter, o desejo de ter sempre razão e a sensibilidade aos elogios. A inveja e o ciúme, a melancolia e a depressão foram as fatais consequências. Tendo perdido o afecto mesmo dos mais chegados, violento e indeciso, Saúl precipitou-se de cabeça pelo caminho da catástrofe. Parece que, por momentos, ele tentou deter-se e escapar às reprovações da consciência atormentada, mas infelizmente, procurou sobretudo, uma vez tendo falhado ao seu dever, lançar a responsabilidade sobre os outros.

O ciúme de Saúl dominou-o por completo quando soube de uma canção popular dedicada a David. Por mais duma vez tentou assassinar o seu jovem rival.

## A Tragédia de Gilboa

Pensamos às vezes que o infeliz poderia ter-se detido naquela descida fatal e pedir a misericórdia de Deus. Mas já não era possível: tinha ido longe demais. Solene reflexão! Um pecador pode ultrapassar o limite para além do qual não há mais esperança de regresso.

A cena final decorre na encosta desolada de Gilboa. Vencido pelos Filisteus, gravemente ferido, Saúl, não querendo cair na mão dos seus inimigos, lança-se sobre a própria espada e morre. No dia seguinte, os Filisteus, reconhecendo o cadáver no terreno, cortam-lhe a cabeça e levam-na como trofeu para o templo da sua divindade. O cadáver do rei, pendurado sobre os muros de Beth-Schan, fica exposto a todos os olhares. Gilboa ficará na História como símbolo das consequências da indecisão, da fraqueza de carácter e duma má escolha.

## Saulo de Tarso

Não nos demorem na contemplação deste lamentável quadro. Outra vida, a de Saulo de Tarso, transporta-nos a um mundo bem diferente. Notemos, de passagem, algumas analogias iniciais: semelhança no nome, a mesma origem (tribo de Benjamin), possibilidades igualmente prometedoras. Mas que diferença no fim da vida de ambos!

«Ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei.» (Miqueias, 7:8). Esta frase do profeta enuncia uma verdade de primeira importância para a nossa vida espiritual. Saulo aprendeu esta difícil lição no caminho para Damasco e, a partir de então, quaisquer que tenham podido ser as peripécias de uma vida movimentada, não a voltou a esquecer.

No mesmo grau em que o espectáculo da vida de Saúl é deprimente, também o da vida do apóstolo é uma fonte de inspiração: ele lança-se, infatigável, de progresso em progresso.

## O Caminho da Fé

Que acontecimento mudou completamente a vida e o pensamento de Paulo, livrando-lhe a alma do desespero? As epístolas, que descobrem a experiência interior do apóstolo e do missionário, mostram claramente o que o sustinha nas lutas duma vida agitada: a convicção profunda de que, no caminho de Damasco, ele havia encontrado o Senhor, tão certamente como os discípulos o haviam feito na Galileia. Eis a fonte da magnífica certeza que ilumina de maneira extraordinária todos os seus escritos. Mesmo nas horas mais sombrias pôde escrever: «Somos mais do que vencedores...», «a esperança da glória...», «permanecer na luz...», etc.

Comparemos a sua morte com a do rei Saúl. O apóstolo, já idoso, é encarcerado pela segunda vez. Sabe que o fim se aproxima e escreve a Timóteo, seu filho na fé: «Combati o bom combate,

acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora a coroa de justiça me está guardada.» (2 Tim. 4:7).

Não se trata de optimismo superficial. Isso teria sido bem insuficiente para o suster nas fadigas das suas viagens, nos naufrágios, nas perseguições, na prisão. A sua confiança não repousava em si próprio, nas suas próprias capacidades, mas no Senhor. O coração mais forte vacila quando as dificuldades se acumulam, mas Paulo fazia aumentar em proporção a sua alegria interior.

Uma jovem estudante amargurava a sua vida e a dos seus colegas com lamentações constantes, críticas e acusações sobre os que a rodeavam. Muito a custo de tempos a tempos tinha ela um dia de boa disposição após longos períodos de mau humor e depressão. Não havia aprendido a se dar a si própria! Mas um dia descobriu esse segredo e a partir de então tornou-se uma cristã radiante.

## Ascensão ou Ruína

Grandeza e declínio para o primeiro; ascensão e vitória para o segundo. Saúl e Paulo morreram ambos pela espada, mas que grande diferença entre o fim destes dois homens! Até ao fim, o testemunho do apóstolo conserva um poder capaz de fazer saltar as muralhas das prisões. Em cada uma das suas etapas planta uma nova estaca: conversão do carcereiro de Filipos, salvamento dos tripulantes e da guarnição do navio naufragado, penetração do Evangelho na casa de César. Nada conseguia deter o intrépido missionário. Havia só um meio de o reduzir ao silêncio: executá-lo! E, na realidade, para além do túmulo, os escritos e o exemplo da sua vida falam ainda. Graças à sua fé e à sua perseverança, milhões de almas têm conhecido a mensagem da vida.

Um, por indecisão, fraqueza de carácter, consumou a sua própria ruína; o outro, pela energia, pela vontade e pelo poder da graça que

(Segunda-feira, 21 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*Na escolha das minhas Associações*

A questão das amizades e associações é frequentemente considerada de maneira inteiramente negativa. Hoje desejamos considerá-la positivamente. Mas, antes de fazê-lo devemos dizer um pouco o género de amigos que devemos evitar, a fim de ter o caminho livre para um ponto de vista mais positivo.

O sábio, por exemplo, deu um conselho muito prudente quando avisou: «Não acompanhes com o iracundo, nem andes com o homem colérico.» (Provérbios 22:24). E há muitas outras espécies de pessoas que fariamos bem evitar. Seria desnecessário para nós mencionar aquele que é abertamente mau, o ímpio, o impuro. Naturalmente, todos estes são pessoas por quem Jesus também morreu, e nós devíamos ter um interesse missionário para com elas, mas estamos considerando agora amizades e asso-

ciações. Há outros géneros de amizades que devemos tratar com muita discreção

Há, por exemplo, aqueles amigos que não fazem nada para ser bons parceiros. Não são más pessoas, mas apoiam-se sobre vós para tudo. Se tiverdes um carácter particularmente forte, podereis ajudá-los, mas é preciso ser muito cauteloso. Teoricamente, a vossa própria força deve aumentar com o exercício, mas as amizades duradouras devem ser um auxílio mútuo.

Como estes amigos de encosto são aqueles que não estão ali quando se precisa mais deles. Fazem uma ruidosa demonstração de amizade quando o mar está calmo, mas abandonam o navio quando os ventos assopram. Lembramo-nos imediatamente de Pedro, que clamava os protestos da sua eterna lealdade antes da crise, mas que

não foi fiel quando foi vibrado o grande golpe. David também sabia o que isto significava ao exclaimar, «Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar.» Salmo 41:9.

Os bons amigos não se impõem indevidamente em nossa intimidade. Há algumas coisas que devem ser sabidas somente de vós e de Deus, e um amigo que constantemente faz pressão para sabê-las em nada ajuda. Um verdadeiro amigo é aquele com o qual podeis partilhar um assunto próprio para ser partilhado e que não fica sentido quando guarda algumas coisas para si.

**Amizade**

Oh! o conforto — o inexprimível conforto de sentir-se seguro com alguém,

Não tendo nem de pesar pensamentos

Nem de medir palavras — mas derramá-las,

Mesmo como elas vêm, tal como elas são

Palha e grão, tudo junto, Certo que a mão fiel os apartará

Guardará o que deve ser guardado

E com o sopro da bondade Assoprará o resto para sempre.

*Dinah Maria Mulock Craik*

**As Amizades de Jesus**

Nunca ficastes admirados pela maneira e sobre que princípios Jesus seleccionava os Seus amigos?

lhe foi concedida, alcançou a vitória. A intervenção da sorte não é de modo algum responsável por esses destinos. O mundo espiritual, tal como o mundo físico, é regido por leis que se não pode transgredir sem incorrer em grave perigo. Se dependéssemos da nossa própria força, tal pensamento seria grandemente desanimador. Quem se sente suficientemente forte para enfrentar os imprevistos do destino? Felizmente o amor de Deus inclina-se sobre aqueles que caem e pedem o socorro divino.

Saúl e Paulo não são apenas heróis de um passado longínquo. As suas decisões pelo bem e pelo mal, a luta que mantiveram com as fraquezas de carácter, as suas aspirações, correspondem exactamente aos problemas dos homens

de hoje — de vós mesmos, ou dos vossos vizinhos. Evidentemente, nem todos podem atingir a grandeza de Paulo, mas além desse carácter excepcional, a Bíblia apresenta-nos muitos outros servos de Deus: Marias, Pedros, Dorcas, Josés e centenas de outros cujos nomes desconhecemos. Todos, em situações bem diversas, se esforçaram por realizar o plano de Deus a seu respeito; todos tomaram as suas decisões, grandes ou pequenas, à luz da experiência espiritual que Deus lhes concedeu. É isso que dá um sentido profundo, faz brilhar e immortaliza a vida de cada um deles.

Alguém disse e com muita razão que a vida sem Cristo é um fim sem esperança e a vida com Cristo é uma esperança sem fim.



Antes de tudo Ele tratava os Samaritanos, os Romanos, os Gregos, da mesma maneira como Ele tratava os seus patrícios Judeus. Ele não gostava ou desgostava de pessoas em massa. Condenou os Fariseus, por vezes em termos ásperos, mas depois comia com eles quando convidado, porque tinha sempre na mente a alma individual. É verdade que Ele tinha um círculo mais restricto de amigos — Seus discípulos e a família de Lázaro em Betânia — mas isto não o impedia de ter sincera amizade com muitos outros.

É evidente também que Ele não escolhia os seus amigos em qualquer determinado grupo. Eram recrutados na base da sua resposta pessoal ao Seu apelo; porque mesmo dentro da amizade íntima dos discípulos Ele tinha ainda o companheirismo mais chegado de Pedro, Tiago e João. Ele nunca formou nenhuma claue, prática que provê ao fundador muitas amizades.

Outra qualidade notável da amizade de Jesus era a sua paciência. Muitas vezes os amigos põem muito à prova, e é então que a qualidade da verdadeira amizade é descoberta. Alguns dos seus amigos eram ignorantes, alguns eram médicos, muitos deles pareciam ciumentos, e a maioria parecia procurar junto d'Ele alguma vantagem pessoal. Ele viu estas coisas todas, sofreu com elas, mas amava os seus amigos sem cessar.

Jesus não tinha em Si nenhum dos ciúmes e das traições que por vezes mancham as amizades terrestres, e talvez a maior de todas as suas qualidades de amizade era que o seu amor era dado livremente. Ele amava os outros não por causa daquilo que poderiam fazer para Ele, mas por aquilo que Ele poderia fazer para eles. As verdadeiras amizades são baseadas sobre alguma coisa livremente dada, mais dando do que recebendo.

Notai a natureza da dádiva de Jesus: Ele amou onde nenhum amor o chamava. «Porque apenas

alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.» Romanos 5:7-8.

Amou quando os homens o recusaram. «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!». Mateus 23:37.

Ele morreu pelos seus inimigos. «Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.» Romanos 5:10.

Ele era governado pela abnegação nas suas amizades. «Mas a vós, que ouvis, digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem; bendizeis aos que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses.» «E, como quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também.» «Amai pois aos vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque Ele é benigno até para os ingratos e maus.» Lucas 6:27-29; 31-35.

Ele deu-se a Si mesmo para a protecção dos seus amigos. «Jesus respondeu: Já vos disse que Sou Eu; se pois me buscais a mim, deixai ir estes. Para que se cumprisse a palavra que tinha dito: Dos que me deste nenhum deles perdi.» João 18:8-9.

Ele amava os pouco amáveis. «Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um homem comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores. Mas a sabedoria é justificada pelos seus filhos.» Mateus 11:19.

Mas em tudo isso, o Mestre lidou francamente com os seus ami-

gos, não tendo receio de dizer-lhes a verdade a respeito deles mesmo, como quando o doutor da lei ou o mancebo rico vieram ter com Ele. Era a alma de integridade, e por causa disto todos criam n'Ele. Foi essa integridade que o levou à cruz, mas foi ao pé da mesma cruz que os seus verdadeiros amigos se identificaram.

As Escrituras relatam muitas amizades que nos lembram a amizade de Jesus. Lembrai-vos de David e Jônatas, Rute e Naomi, Abraão e Lot, Paulo e Timóteo. Todas são bem dignas de estudo por qualquer jovem à procura de exemplos de verdadeira amizade e associação.

## Escolhendo Amigos

Quer o queiramos ou não, que achemos bem ou não, somos sempre julgados pelas nossas companhias. Jesus sabia muito bem o que isto queria dizer. Zombaram d'Ele por vir duma cidade de certa fama chamada Nazaré; Ele foi condenado por comer com pecadores; foi escarnecido por associar-se tanto com pecadores ignorantes. Mas devemos lembrar-nos que Ele tinha sempre uma razão específica de associar-se com tais pessoas, nunca procurando gratificações pessoais ou cedendo a tentação alguma.

Há alguns que usarão esta atitude de Jesus para justificar as suas amizades com descrentes ou casar fora da sua fé. Alegam fazer isso para ganhar o outro. Por vezes os nossos motivos tornam-se misturados da maneira mais estranha; em tais circunstâncias devemos encarar-nos a nós mesmos da maneira mais honesta.

Lembra-vos que Pedro sentou-se a aquecer-se naquela amarga noite antes da crucificação, e logo a seguir traíu o Senhor. Se tivesse sido um pouco mais cuidadoso na escolha dos seus companheiros naquela noite, poderia nunca ter caído na traição e na desgraça. A nossa fraqueza pode ser tomada erradamente por boas intenções.

A influência de amigo sobre amigo pode ser uma força muito calma e por vezes até subtil. Pode ser para o bem como para o mal; é um assunto de sùma importância. Esse grande cristão homem de estado que era William Gladstone, ao responder a uma pergunta feita por um jovem acerca de conseguir êxito na vida, disse: «Escolhe sàbiamente os teus companheiros, porque para um jovem, o companheiro é mais do que o alimento, o vestuário, o lar ou a influência dos pais; fazem do homem aquilo que ele é.»

### Guardando Amigos

Naturalmente, não ganhareis amigos ou conservareis amigos sem manifestardes amizade. Eu ouvi muitos jovens queixar-se de serem incapazes de ganhar ou conservar amigos, e em consequência viviam uma vida solitária, saudosos de alguma coisa que receiam ser-lhes negada para sempre. Em muitos casos a única Razão aparente é que ergueram uma barreira entre eles e os outros e então esperam que outros venham a derrubar o obstáculo. Isto pode ser devido a hipersensibilidade, timidez, a um sentimento de superioridade ou inferioridade; mas seja qual for a razão, é geralmente devida ao facto do indivíduo ser centrado sobre si mesmo. Fazemos e conservamos amigos quando se tornou bem claro que estamos sinceramente interessados neles e no que lhes diz respeito. E o que há de maravilhoso nisto é que quanto mais damos, mais recebemos. O amor é uma das poucas coisas que aumenta na medida em que se dá.

Críticar demais os nossos amigos é fazer provas de amizade destrutivas. Foi dito que grandes espíritos discutem ideias, espíritos médios discutem acontecimentos, e que espíritos acanhados discutem pessoas. A mente acanhada tira uma vantagem indevida ao brincar com as fraquezas dos amigos. Robert E. Lee foi certa vez convidado a dizer o que ela pensava do General Whiting, que o tinha

severamente criticado. Lee fez dele generoso elogio. Então disseram-lhe: «Como pode dizer isto quando o General Lee foi o seu crítico mais severo?» Lee respondeu: «Perguntastes-me, senhor, a minha opinião sobre o General Whiting e não a opinião do General Whiting sobre mim.»

Muitos amigos são separados pela incapacidade de um ou dos dois de passar além das pequenas faltas uns dos outros. Quando Cristo fez a expiação para os pecados dos homens, passou por cima de muitas coisas. Concebemos geralmente a «expiação» como a acção de trazer junto, reunir, o que é correcto. Mas a raíz da palavra significa «cobrir». Quando a expiação foi realizada, os pecados do homem foram cobertos, ou escondidos. Só o amor pode conseguir tal coisa, porque é característica do ódio revelar aos olhares de todos os pecados dos outros. A verdadeira amizade gosta de esconder a fraqueza das pessoas amadas e restaurar-lhes a força.

Na verdade, um amigo procurará proteger outros de escândalos, mexericos e alusões malévolas. Sem desculpar as fraquezas do outro, ele procurará tapar a fim de dar ocasião da ferida sarar. Se o maior pecado do homem é a «desumanidade do homem para com o homem», então uma das mais graves demonstração desta desumanidade é espalhar mexericos acerca de um amigo.

Se o vosso amigo é para vós uma alegria e uma inspiração, é bom dizer-lho de vez em quando. Fará muito bem a si, e poderá poupar-lhe a ele mais desânimo que podeis imaginar.

Honrar a Cristo nas nossas relações significa muito mais do que escolher amigos com discernimento em vista de assegurar-nos uma boa reputação ou para preservar a nossa saúde espiritual. É necessário que um intercâmbio seja possível porque ter um amigo é dar e receber, mas deste intercâmbio Cristo nunca deve ser excluído. Isto implica uma selecção que põe em primeiro lugar as afinidades espirituais.

O método pelo qual Jesus escolhia os seus amigos era simples: o povo vinha a Ele, espontaneamente atraído pela essência espiritual da sua natureza; outros, pelo contrário, afastavam-se d'Ele porque alguma coisa nelles fazia obstáculo à Obra do Espírito. É evidentemente entre os primeiros que Jesus escolhia os seus amigos íntimos. As amizades assim ligadas eram o resultado da influência exercida pela pessoa de Cristo, pela sua palavra e pelos seus actos.

Se amarmos e reverenciarmos a Cristo, o mesmo deve acontecer. Evitaremos deste modo muitas desilusões, muitos desgostos. Além disso as amizades assim formadas neste âmbito serão sempre sólidas, e podemos ter a certeza de encontrar nelas as satisfações esperadas.

### EMISSÕES DA VOZ DA PROFECIA

Rádio-África-Tânger, na onda de 506 metros (593 Kc) todas as Segundas-feiras, às 22 horas.

Rádio-Benguela, nas ondas 59,50 e 31,63 m (5042 e 9502 Kc) todas as Segundas-feiras, às 20,30 horas.

Rádio-Nova Lisboa, nas ondas de 61,84 e 41,90 m (4851 e 7152 Kc) todas as Terças-feiras, às 20,30 horas.

Rádio-Moçâmedes, na onda de 42 m (7230 Kc) todas as Quartas-feiras às 19,30 horas.

Rádio-Sá da Bandeira, nas ondas de 59,71 e 30,75 m (5204 e 9755 Kc) todas as Sextas-feiras às 21 horas.

**OUVI ESTES PROGRAMAS E RECOMENDAI-OS AOS  
VOSSOS AMIGOS E CONHECIDOS**

(Terça-feira, 22 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*No cuidado com o templo do meu corpo***A unidade do homem**

Durante esta semana temo-nos ocupado, especialmente daquilo que a Bíblia tem para nos dizer no que respeita ao magno problema da vida, por isso, não tencionamos, nesta noite apresentar aquilo que poderia denominar-se uma leitura acerca da saúde, na qual se apresentassem todas as regras concernentes ao bom viver.

Dedicaremos, portanto, o melhor da nossa atenção às relações entre a parte física ou fisiológica e o espiritual.

Antes de mais, é necessário notar que o homem não é, de facto, constituído por três partes, como frequentemente se pensa. O homem não possui, actualmente, um corpo, uma alma e um espírito, estando cada um destes elementos separados entre si. Também não é um binário corpo-espírito. O homem é uno. Não podemos, em rigor, compreender qualquer destas partes, sem que se conceba que estão intimamente unidas, de modo que acabemos por pensar sempre no conjunto, na íntima união que dá origem, precisamente ao homem uno.

**O homem é uno**

Quando alguém está doente, todo ele está, verdadeiramente, doente, porque quando uma parte do corpo sofre, também todo o resto sofre, por simpatia.

Toda e qualquer teoria relativa à saúde que não inclua a pessoa integral, a personalidade integral, afasta-se dos melhores princípios do Cristianismo.

É assim que encontramos nalguns autores que pretendem legislar sobre reformas sanitárias, certos exageros que consistem em limitar determinadas zonas vitais, — ou

às vezes exagerá-las — em detrimento do todo.

Stanley Jones salientou que quando o Verbo se fez carne (João 1:14), desapareceu uma barreira real entre a carne e o espírito.

«Se o Verbo, a Palavra, se tornou tinta de imprimir, fez-se num Código. Se o Verbo, a Palavra, se tornou numa ideia, fez-se numa filosofia. Ora a Palavra, o Verbo fez-se carne, por isso, tornou-se num evangelho — as boas novas». — *The Way to Power and Poise*, p. 92.

E assim, quando o Espírito Santo é derramado por toda a carne, os nossos corpos, assim como as nossas mentes ficam sob o controlo do Espírito. Somos, portanto, uma unidade, somos unos.

Convém lembrar estas noções, como veremos ainda. Esta relação entre o espírito e o corpo é posta em evidência por S. Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 6, versículo 20. «Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito os quais pertencem a Deus».

Efectivamente, é impossível glorificar a Deus no corpo, sem também fazer o mesmo no espírito e vice-versa. Da mesma maneira, para prestar atenção só ao corpo ou só à mente, sem fazer caso do espiritual, é o mesmo que pretender traçar um triângulo só com dois ângulos — o que é impossível, o que é mesmo absurdo.

**O corpo é bom**

Alguns cristãos animados de grande zelo, deram grande predomínio à necessidade de disciplinar o corpo; o pensamento não é totalmente errado. Mas é preciso ter cuidado para não se pensar que

o corpo é um elemento de degradação, uma parte rebelde do nosso ser, que seria melhor passar sem ele. O conceito da degradação do corpo é pagão e não tem lugar no pensamento verdadeiramente cristão.

Os excessos dos ascetas que puniam e disciplinavam o corpo com o objectivo de alcançar a boa graça de Deus, não estavam, muitas vezes, longe de práticas semelhantes nitidamente pagãs.

O ponto de vista cristão é o de que o corpo é bom, que foi feito por Deus para nele residir o Espírito Santo. Também é igualmente erróneo que não sejam correctas determinadas actividades corpóreas; nada há de incorrecto nas actividades naturais do corpo. Só haverá incorrecção e portanto, só haverá actividades condenáveis quando tais actividades forem desordenadas, quando forem orientadas para a satisfação de egoísmos, quando o homem se tornar escravo dos prazeres pondo de parte o cumprimento dos seus deveres.

Entre as grandes religiões do mundo, só o Cristianismo é que apresenta os sãos ensinamentos sobre as relações entre o corpo, a alma e espírito, entre a saúde e a vida espiritual. É o Cristianismo que segue o verdadeiro caminho entre o ascetismo fanático, de um lado, e a excessiva indulgência para com o corpo, do outro lado.

**O significado da temperança**

Um dos primeiros problemas que nos podemos propor a nós mesmos é o seguinte:

«Que devemos entender por temperança».

A nossa Irmã White responde assim: «A verdadeira temperança ensina-nos a dispensar, inteiramente, tudo o que é prejudicial, e a

usar judiciosamente tudo o que é saudável»—*Patriarcas e Profetas*.

Entre os jovens nota-se uma certa inclinação para pensar que se justifica uma atitude tolerante para com aquelas coisas que não são declaradamente nocivas. Ora tal atitude é errônea, pois constitui um acto de inconformidade com o conselho específico de Deus.

Eis o que a este propósito escreve S. Kahn: «Os excessos da nossa juventude são letras que temos de descontar na velhice, pagáveis com elevados juros, passados trinta anos. Fixe-se bem que os excessos e a dissipação, durante a juventude, talvez então não sejam sentidos, talvez não causem nenhuma impressão. Mas tudo isso será rigorosamente pago e com juros, anos mais tarde». — *How to study*, p. 68.

A prática da verdadeira temperança não pode ser deixada ao sabor do impulso do momento ou do apetite.

Talvez se diga que a natureza conhece o que melhor lhe convém e que portanto, devemos seguir o impulso da natureza.

No princípio, foi assim; mas não é agora. O pecado afectou todas as faculdades da mente, do corpo e do espírito, de modo que o apetite, a manifestação natural não pode ser hoje considerada como um guia seguro para a nossa actividade. Para uma vida equilibrada são absolutamente necessários o auto-domínio e uma consciência educada.

Quando S. Paulo disse que devemos ser temperados em todas as coisas, queria dizer, exactamente, o que mencionou.

Por vezes, a este propósito, pensa-se, apenas na comida e na bebida, dando-se o caso de muitas pessoas, que são extremamente cuidadosas naqueles aspectos, descuidarem o que diz respeito ao trabalho, ao estudo, aos divertimentos, ao sono ou aos exercícios.

Quando o problema é visto sob esta luz, pode levantar-se a seguinte questão: Nós, como Adventistas, do Sétimo Dia, dispoñdo de abundância de instrução, não estaremos, porventura, a limitar, também, o significado da temperança?

Somos nós, realmente, um povo mais saudável que qualquer outro povo?

É evidente que deve haver algumas provas certas de tal superioridade, se estivermos vivendo segundo os nossos princípios privilegiados. É certo que entre nós se registam menos casos de cancro dos pulmões; mas noutros domínios encontramos um certo silêncio conflagrador.

### Uma mente sã

Em consequência do que se acabou de dizer, já estamos em condições de tratar das relações que existem entre a alma e o corpo, isto é das relações que existem entre uma mente sã e o corpo, numa palavra: relações psicofisiológicas.

O programa de saúde implica necessariamente um uso correcto da mente, pois nunca ninguém viu uma mente activa operando à parte do corpo.

Uma pessoa que não exercite as suas faculdades mentais virá necessariamente a encontrar-se sob o domínio de outrem; não será senhor de si mesmo, da sua mente, da sua inteligência, das suas decisões. O auto-domínio e a auto-direcção, em última análise, são a única espécie de controle que verdadeiramente só pertence ao Cristão prudente. Incidentalmente podemos ouvir dizer que é possível gozar boa saúde e ao mesmo tempo violar as leis do corpo e de Deus; apresentam, para isso, vários remédios ou drogas tendentes a procurar equilibrar os prejuízos causados pelo tabaco ou pela bebida.

Ora, prezados Irmãos, os princípios cristãos dizem, muito claramente, que o corpo deve obedecer à mente, arrancá-lo dos prazeres da mesa e recusar-lhe qualquer espécie de veneno, quer sob a forma de bebida quer sob a forma de tabaco ou outras drogas. O bom senso assim é que procede.

O Cristão tem à sua disposição um sistema de exercício mental que de longe excede qualquer outro: — o estudo do maior livro do

mundo: a Sagrada Escritura. «O espírito ocupado unicamente com as coisas comuns, torna-se acanhado e enfraquecido. Se não trabalhar para compreender as grandiosas e profundas verdades, acaba, passado algum tempo, por perder a faculdade de crescer. Como uma salvaguarda contra esta degenerescência, e como um estímulo para o desenvolvimento, nada se poderá igualar ao estudo da palavra de Deus. Como meio para a preparação intelectual, a Bíblia é mais eficiente do que qualquer outro livro, ou mesmo que todos os livros reunidos». — *Educação*, p. 124.

### A Terapia do Trabalho

Quando Jesus foi censurado por fazer certas obras de misericórdia, no Sábado, respondeu: «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também» (João 5:17).

É um atributo de Deus, uma necessidade do seu Ser, a obra da criação, isto é, um verdadeiro trabalho. É assim que o trabalho manual se torna essencial para o corpo do homem, para que se possa desenvolver melhor, como um complemento da personalidade. Por isso é totalmente desprovida de sentido a atitude daquelas pessoas que gozando uma boa saúde, não trabalham o suficiente, contribuindo, assim para uma degenerescência física e mental. Se a exortação do apóstolo Paulo de que quem não trabalhasse, não devia comer, fosse cabalmente executada, poderíamos esperar que houvesse no mundo uma raça mais saudável.

Os hospitais têm instalado secções de terapia especiais para cuidarem de pessoas nervosas, para as auxiliar a recuperar a saúde; estas secções apresentam vários trabalhos aos doentes para eles se ocuparem, porque a medicina sabe perfeitamente que o trabalho, devidamente, orientado, é capaz de auxiliar os esforços que se realizarem no sentido de voltar a equilibrar os nervos e de restituir a saúde ao corpo.

Feliz aquele para quem o trabalho é uma fonte de alegria.

Toda e qualquer pessoa que tenha encontrado e seguido a sua vocação; que se tenha lançado com entusiasmo ao seu trabalho, raramente constitui um problema quer para si quer para os outros, seja qual for a espécie de trabalho a que se dedicar, físico ou mental.

Outro factor de importância para a saúde, no trabalho, consiste no seguinte: o espírito fica liberto de preocupações e de pensamentos egoísticos, porquanto, aplicando-se, com entusiasmo e gosto ao seu trabalho, não tem tempo para pensar em frivolidades.

A autcentralização dos pensamentos é um dos maiores inimigos da paz do espírito e da saúde, porque se opõe, precisamente, aos princípios básicos do reino de Deus.

Se o trabalho não nos desse nada mais do que a paz interior no nosso íntimo, já mesmo assim, valia a pena trabalhar com entusiasmo.

## O medo, a inquietação e a saúde

Certas espécies de medo, tais como, o medo de ser incorrecto, de ser incivil, de ser maçador, ou o medo de transgredir a lei, são bons; mas, de uma maneira geral, o medo violento contribui para a perturbação tanto da saúde física como da mental.

Certa vez um homem resolveu matar-se. Foi a uma farmácia e comprou veneno; o farmacêutico suspeitou de qualquer coisa, e em vez do veneno, deu-lhe um pouco de água colorida. O indivíduo escreveu uma carta a despedir-se dos seus e ingeriu a água. Passado pouco tempo, começou a sentir-se bastante mal; levaram-no rapidamente para o hospital, onde esteve em tratamento durante uma semana. A imaginação é que lhe causara todas aquelas perturbações.

Sabe-se que as úlceras pépticas são devidas, geralmente a qualquer tensão emotiva. O Dr. William C. Menninger diz a este propósito: «Quando uma pessoa se assusta,

a pressão sanguínea eleva-se e mantém-se, assim, sem que haja qualquer causa aparente. A ansiedade provoca todas as espécies dos mais sérios e variados sintomas, sem nenhuma razão orgânica para a doença... Um terço — possivelmente metade — das pessoas que sofrem do coração, não têm nada que se queixar do coração, isto é, não têm de lhes atribuir as culpas». (Citado por E. Stanley Jones, em *The Way to Power and Poise*, p. 220.

Um corpo saudável é, fortemente, encorajado por uma atitude positiva para com a vida.

Assim como há alguns pregadores que parecem estar mais interessados no pecado do que na justiça, e alguns médicos também parecem estar mais interessados naquilo que diz respeito às doenças, do que propriamente, na saúde, — assim também alguns Cristãos parecem estar mais absorvidos nas suas inquietações do que nas suas bênçãos. Não há nenhuma virtude em se ter má saúde.

## Que é que se deve entender pela Reforma da Saúde

O princípio básico em todo o programa de saúde, consiste em dotar o corpo, a mente e o espírito com tudo quanto é necessário para que o indivíduo possa estabelecer uma comunhão plena com Deus; terá, assim, a oportunidade para crescer livremente e para desenvolver os talentos que Deus lhe concedeu. Quando o homem obedece às leis da saúde, não faz mais do que obedecer às leis da razão, tal como o peixe que não sai da água, ou a ave que não sai do ar. Obedece, deste modo, às leis do seu próprio ser.

Mas não se pode dizer, em absoluto, que a reforma da saúde não é mais do que o estabelecimento de determinados hábitos. Seria uma espécie de paganismo: a salvação pelas obras. Temos de contar com a ajuda de Deus, que nos pode conceder ou não esse dom precioso que é a saúde.

Depois de tudo quanto se disse, convém salientar que se alguma pessoa não goza de boa saúde, sem ser por sua culpa, não deve desanimar.

Não há dúvida de que a saúde é importante, mas também é certo de que não é a coisa mais importante.

Muitos justos, diremos mesmo, muitos santos viram-se forçados pelas circunstâncias a carregar com o duro fardo da falta de saúde, durante toda a sua vida; mas a doença, longe de lhes prejudicar a vida espiritual, até serviu para melhor a depurar, não por quaisquer merecimentos por obras, mas porque se sentiam com o espírito mais liberto para se dedicarem à contemplação das coisas espirituais.

A chave de toda esta matéria encontra-se na carta de S. Paulo aos Romanos 12:1: «Rogo-vos... que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo...».

O Cristão deve sujeitar todas as facultades do seu físico ao domínio do poder mais elevado que é o do espírito, que por sua vez estará sujeito a Deus. Enquanto que os sacrifícios do Antigo Testamento eram de animais imolados, o sacrifício do Cristão deve ser constituído por ele próprio, vivo e voluntariamente oferecido para o serviço de Deus e do próximo.

O desejo mais elevado do Cristão deve consistir em que a imagem de Deus seja restaurada no homem; por isso não deve permitir que este trabalho seja prejudicado.

Deste modo o homem deve esforçar-se, continuamente, em salvaguardar a saúde do corpo, uma vez que sabe que a saúde física e a mental têm entre si uma influência mútua, para o bem-estar ou o mal-estar da pessoa.

«E todo o vosso espírito, e alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo». (I Tessalonicenses 5:23).

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

(Quarta-feira, 23 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*Na escolha de tudo quanto eu ouça*

## Ouvir

A música pode orgulhar-se de ser a mais velha e a mais natural de todas as artes, pois a primeira manifestação musical no Universo encontra-se bem patente, «quando as estrelas de alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam».

Porém a primeira menção específica da música, na Bíblia, encontra-se em Gênesis 4:21. «E o nome do seu Irmão era Jubal: Este foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão.»

Desde os tempos mais recuados foi enorme a influência da música, entre os Hebreus. O cântico triunfal de Moisés após a libertação de Israel devia ter sido um majestoso coral de rara imponência, quando foi entoado pelas hostes de Israel. Os quatro mil músicos que actuavam nos serviços do templo estavam divididos em vinte e quatro grupos com instrumentos de cordas, de sopro, de percussão e com turmas de cantores, contribuindo todos eles para realçar o esplendor dos serviços do templo e do tabernáculo. Quando Judá esteve no cativeiro, os Babilónicos pediram aos Hebreus que lhes entoassem os seus cânticos; também na última Ceia, na sua parte final, o grupo dos Apóstolos cantou um hino e Jesus dirigiu-se para o Getsémane. A música foi sempre uma parte integrante do culto de Israel.

Também a Igreja Cristã encontrou na música uma verdadeira força para enquadrar o seu culto, mesmo quando teve de defrontar as perseguições e se refugiava nas catacumbas. É um facto comprovado que todas as reformas têm sido acompanhadas por uma revivência musical.

Em Plymouth, na velha Inglaterra, os Pais Peregrinos embarcaram, cantando salmos; e desembarcaram em Plymouth, na Nova Inglaterra, com a mesma música. Duas jovens escocesas cantavam o Salmo 23, quando subiram ao cadafalso, tal como tantos outros santos e mártires se sentiram confortados nas horas da probação e da morte. Também a Mensagem do Advento principiou com música própria, e ainda hoje cantamos hinos da igreja de todas as cidades.

É uma bela herança.

## O objectivo da música

A nossa Irmã White escreveu: «A música foi feita para servir um santo propósito, para erguer os pensamentos para o que é puro, nobre e elevado, e ainda para despertar a devoção e a gratidão para com Deus.» — *Patriarcas e Profetas*.

«A melodia do canto, brotando com entusiasmo de muitos corações e com uma dicção clara, é um dos instrumentos de Deus no trabalho da salvação das almas.» *Testemunhos*, Vol. 5.

Mas nós pretendemos falar especialmente, da música, como um auxiliar do culto. Como Adventista do Sétimo Dia, talvez possamos dizer de nós mesmos que procuramos ser um povo de grande devoção, mas que talvez ainda não tenhamos compreendido, cabalmente, a parte que neste ponto, compete à música. «Como uma parte do serviço religioso, o canto é tanto um acto de culto como a oração.» — *Educação*.

Mas vejamos, antes de mais, qual é a atitude, — de uma maneira geral — dos fiéis com o hinário nas mãos. Para alguns, o

canto dos hinos é uma rotina tradicional, que tem de se fazer, porque é costume. Para outros, servem os hinos para encurtarem aquela longa hora do culto. Ainda para outros, os hinos são uma espécie de «introdução preliminar» ao sermão, sendo depois o último hino o desejado sinal de que terminou o culto.

Em poucas palavras: trata-se de qualquer coisa como «vamos cantando, enquanto os crentes estão chegando.» E ainda há quem esteja ouvindo o coro como uma peça de música num concerto.

Que tremendos erros!... Efectivamente, quem é que seria capaz de considerar, assim, a oração? Imaginemos: «orar, enquanto o povo está entrando», ou orando «para preencher o tempo do culto».

Ora, se o canto dos hinos é o mesmo que orar, é evidente que não pode receber tratamento diferente.

O culto é antes uma experiência do que uma forma, embora possa ser expressa por certas formas. Não há dúvida de que o culto meramente formal é uma calamidade, pois só o verdadeiro culto é que implica bênçãos inefáveis. Mas o verdadeiro culto, só é possível, quando nele participamos activamente; ora um dos melhores meios de participação no culto, é, precisamente, a música.

Muitas vezes damos a impressão de que participamos no culto, como meros elementos de decoração passiva, conservando-nos como os bancos ou a tribuna. Sente-se, nos nossos dias, uma certa tendência para se ir à igreja, não para orar, mas para ouvir as orações do pastor; não para cantar, mas para ouvir os outros; quase que não percebemos, por que nos devemos levantar e cantar os hinos!

## Que é a boa música

Básicamente, a boa música é que penetra na alma, que nos faz despertar sentimentos de adoração, que nos eleva os corações para melhor apreciarmos as coisas espirituais. Quando ouvimos uma boa mensagem que nos trás consolação e conforto, é como se ouvíssemos a voz de Deus.

É isto que necessitamos de ouvir, no meio deste mundo ensurdecido de gritos, de dores e de sofrimento. É a música um dos melhores meios para despertar no coração humano as mais fortes e mais eficazes forças que governam a vida.

A boa música não deve ser apresentada como uma simples forma de exibicionismo da parte do executante, particularmente, na igreja. Poderemos louvar a Jesus, mas será de maneira muito limitada, nas nossas audições, quando o cantor, por exemplo, se converte numa barreira, num escolho entre a música e os ouvintes.

Muitas vezes, ou os cantores, ou o organista, ou o dirigente tornam-se o centro de atracção na igreja, pretendendo ocupar o lugar, que só a Deus pertence. A música, na igreja, não é um fim, em si mesma; por isso não devem os cantores pretender atrair sobre si as atenções, o interesse, que só pertence ao culto.

Perguntaram, certa vez, a Haydn por que é que a sua música era tão alegre. Respondeu o seguinte: «Dou o que sinto em mim. Quando penso em Deus, o meu coração enche-se de tanta alegria que as notas me fogem dos dedos, traduzindo a gratidão do meu coração para com o meu Deus a Quem procuro servir com todas as minhas faculdades.»

A boa música religiosa, desde que procura traduzir os mistérios da religião, não deve sugerir os pensamentos nem as experiências de cada dia. É uma infelicidade, quando os trechos que se cantam na igreja se assemelham às melodias profanas, trazendo aos espíritos dos fiéis os pensamentos e lembranças imundas. A música que

não levar, directamente, a alma até Deus, não tem lugar na igreja.

## Que é a música má?

Desgraçadamente, tem havido sempre má música. Quando Josué procurou explicar a Moisés a espécie de alarido que havia no acampamento, quando ambos desceram do monte, disse que era um alarido de guerra; Moisés, porém, esclareceu que o povo estava a cantar.

Não pode ser boa a música, quando se parece com o alarido de uma guerra.

É o que está acontecendo, nos nossos dias, quando nessa confusão tremenda de músicas mecanizadas, por toda a parte só se ouvem rumores, barulho ensurdecido, num ritmo de violência e de nervosismo. Quem estiver habituado a ouvir a música que desperta sentimentos delicados e ternos, que recorda o Céu, nunca poderá tolerar tal música.

Nem os espíritos alquebrados nem as almas sucumbidas por graves desgostos poderão jamais com tal música, reanimar-se para a sã alegria de viver. É tal como a fugidia e falaz animação que o álcool proporciona ao corpo; o álcool acaba por destruir o corpo, assim como a música má acaba por deteriorar a alma.

Toda essa música moderna só feita de ritmo desencadeado, brutal e estrepitoso, ergue uma enorme barreira entre a alma e o seu Criador, impedindo a visão das verdades eternas.

Também, neste campo, encontramos um dos grandes dons que Deus concedeu ao homem, mas que este corrompeu e profanou.

## Muitas vozes

A beleza chega ao espírito humano, por muitas formas e maneiras, tais como pelo ouvido, pelo olfacto, pela vista e pelo tacto. Por cada uma destas maneiras, procura Deus enviar-nos as suas mensagens que nos são mais apropriadas. Por isso teremos a possibilidade da oração

através dos vários sentidos, nomeadamente, pelo ouvido, mediante a música.

«Há música nos suspiros dum canavial;

Há música no regato susurrante;

Há música em todas as coisas, desde que o homem ouça;

Também a Terra é um eco das melodias astrais.»

Byron

Assim cantava, e com muito acerto, o notável poeta inglês. Mas todas estas vozes só podem ser ouvidas quando o espírito se encontra em atitude receptiva perante Deus. O barulho, o ruído, a desarmonia não são compatíveis com a meditação, com o recolhimento do espírito.

As boas músicas religiosas devem contribuir para que o espírito se possa esvaziar de tudo quanto é terreno, para se encher só de Deus.

A verdadeira oração implica o falar, como o ouvir. Pode, talvez, dizer-se que 90 % das nossas orações consistem em falar. Damos muito pouco tempo a Deus para nos dizer as suas mensagens, por isso, não é de admirar que as nossas orações sejam ineficazes.

Todos os Cristãos deveriam cultivar e praticar a importantíssima arte de saber ouvir — de saber ouvir a Deus. E por isso, também deveriam cultivar a arte de ouvir a boa música, que tão claramente, fala de Deus. Deste modo, poderemos ouvir a canção da natureza «a música das esferas» e todos os admiráveis sons da natureza. Feliz aquele que aprecia esta música como a antecâmara do mundo espiritual.

## A Música da experiência

As maiores lições, assim como as maiores canções da vida são aprendidas pela experiência.

Aquele lindo e sentido cântico de arrependimento que jorrou dos

lábios de David foi a consequência da sua triste queda, quando o Senhor viu a sua compunção. Muitas vezes, também, as mais belas páginas da literatura e da música têm sido inspiradas quando os seus autores saem do abismo em que têm caído.

E também tantos autores se têm inspirado na contemplação das vaidades deste mundo, precisamente, quando encontram a verdadeira vida, que merece a pena viver.

Assim aconteceu com Jenny Lind, a «sueca Nightingale» no apogeu da sua carreira. Assim aconteceu com Albert Schweitzer que tinha o mundo a seu pés, o maior intérprete actual da música de órgão, de Bach, que deixou tudo para se refugiar na selva africana; encontrou, então, a sua vida, e a sua música ainda hoje reboia nos nossos ouvidos.

Hoje, falamos acerca do derramamento da chuva serôdia e da

revivescência da igreja.

Pois será muito bom que nos nossos planos de actividade se inclua, também, um forte entusiasmo pela boa música na igreja, tal como sucedeu no passado. Mas tal não poderá acontecer, se não ouvirmos boa música, para então a podermos apreciar devidamente. E como é o trabalho do Espírito Santo, de carácter individual, assim também deve ser a nossa preparação para a boa música: Individual. Nunca nenhuma organização fez um reavivamento; as pessoas, individualmente é que o fazem.

Na vida cotidiana, cada qual pode ouvir os diversos tons da harmonia, formados por modulações da vida, ora agradáveis ora desagradáveis. Tem-se dito que os anjos desejam cantar as nossas canções, mas não podem, porque lhes falta a nossa experiência. Não

há professor para os ensinar, porque o instrumento é cada um de nós, e eles não têm a nossa vida, isto é, as harmonias que constituem a nossa vida.

E, agora, como honraremos nós a Jesus na nossa vida? Cada um de nós, na nossa vida, entoa as mais diferentes melodias, de acordo com a sua própria conduta. Cumpre-nos saber cantar bem essas melodias, assim como saber ouvir bem as dos nossos semelhantes.

A atmosfera está repleta de milhares de sons, que só poderemos ouvir, mediante um aparelho receptor de rádio. Assim também acontece com as nossas vidas que são outras tantas melodias, dispersas pela atmosfera.

Saibamos ouvir todas essas melodias, e saibamos também enquadrar a nossa mesma melodia.

Terminemos, recordando estes belos pensamentos:

«No ar vagueia música, que se não ouve;

Tal como no mármore se oculta a linda estátua;

Para se ouvir a melódica música e ver

a maravilhosa estátua que estão latentes —

É necessário o toque do Mestre e a mão do Escultor!

Senhor, toca-nos com a tua poderosa mão!

Que ressoe a música que jaz em nós!

Divino Escultor! modela-nos; vivifica-nos!

Pois a tua imagem está oculta em nós!

Ilumina a nossa inteligência, robustece-nos a vontade.  
Assim viveremos felizes!

Completa, pois, Senhor a tua obra em nós,

E seremos a tua imagem, Senhor nosso Deus!»



(Quinta-feira, 24 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*Na escolha das minhas palavras***O bom uso da fala**

Há um incrível poder no precioso dom da fala. Quando os sacerdotes e os fariseus procuravam prender Jesus, os esbirros que enviaram para o prender, voltaram de mãos vazias, o que muito surpreendeu os fariseus, que lhes perguntaram, desapontados e, porventura, irritados, por que não o haviam prendido. «Nunca homem algum falou assim como este homem.» (S. João 7:46).

A palavra falada é, inegavelmente, poderosa, quando reflecte o poder de uma vida, que a faz pronunciar.

Tal como se podem identificar as aves pelas modulações do seu canto, assim, também, poderemos conhecer um homem pelas suas palavras.

A Sagrada Escritura diz-nos muitas coisas acerca do falar do homem, porque «do que há em abundância no coração, disso fala a boca.» (S. Mateus 12:34).

Muitas vezes temos ouvido dizer a várias pessoas que «falaram sem pensar»; ora, tal expressão é, apenas, parcialmente, verdadeira. É mais provável que as palavras, que tais pessoas pronunciaram, revelem qualquer ideia ou sentimento que não tenham conseguido realizar; numa palavra: qualquer recalçamento, segundo a linguagem da Psicanálise.

Mui acertada e exactamente se refere o salmista a esta duplicidade da natureza humana, no Salmo 55:21: «A sua boca era mais macia do que a manteiga, mas no seu coração, guerra; as suas palavras eram mais brandas do que o azeite: todavia eram espadas nuas.»

Por isso, se as nossas palavras podem, facilmente, ser enganado-

ras, e se os nossos corações também são enganadores, não é de admirar que, muitas vezes, nos manifestemos como uma selva obscura e emaranhada.

Houve um velho grego, na antiguidade, que disse que todas as palavras são vazias em si mesmas, e que só exprimem a realidade, quando são acompanhadas pelos factos.

Não é próprio, nem psicologicamente, nem espiritualmente suscitar emoções, só com palavras, para depois desaparecer tudo, porque não se efectuou, o que se anunciara.

É certo que um culto de testemunhos é apreciável, mas de nada servirá, se não for seguido da realização dos propósitos anunciados; e o testemunho só será eficiente, se for dado depois de realizada a acção.

Por vezes, certas conversas impróprias tomam a forma de crítica. Ora tal actividade de crítica destrutiva não requer grandes talentos. É muito mais fácil gritar da geral do que entrar na pista a tomar parte na corrida; do mesmo modo que se experimenta um maior e melhor bem estar, a dar indicações ou a fazer comentários ou críticas, do que a correr o risco de efectuar a prova.

Moffat traduz assim o passo de S. Tiago 3:8 «Nenhum homem pode domar a língua — chaga de desordem é que ela é, cheia de veneno mortal!» (*The Bible: A New Translation* by James Moffat). S. Tiago também salienta que só um homem perfeito é que não ofenderá com palavras, acrescentando que o homem só pode aperfeiçoar-se pela graça de Deus.

Pelo menos, poderemos aproximarmo-nos do ideal, tão belamente expresso pelo grande poeta

alemão, Goethe: «Cada um de nós deve, pelo menos todos os dias, ouvir uma pequena canção, ler um bom poema, ver uma linda pintura, e, na medida do possível, dizer algumas boas palavras.»

**A pureza da linguagem**

A pureza da linguagem é como um lindo raio de Sol que rebrilha por cima da lama e das imundícies da estrada, mantendo-se, sempre, imaculado. A verdade nunca pode ser contaminada pelo erro; permanece, sempre, límpida e amável.

Há uma lei na economia que diz que a má moeda expulsa a boa.

Ora esta lei pode também aplicar-se, mas de modo negativo, ao jovem cristão; efectivamente, quando ele recusa a degradar-se com uma linguagem baixa e imprópria, quando fala e trata de coisas que são puras e elevadas, não há possibilidades de tomarem alento, nem de viverem, em tal atmosfera, quaisquer palavras baixas ou impróprias.

As palavras impuras são repelidas perante conversas elevadas e dignas, do mesmo modo que as mentes impuras são afastadas pela presença das mentes puras.

Quem é o jovem cristão que não teve, já, a feliz experiência de ter verificado que uma conversa imprópria, leviana se abandona, quando os presentes verificam que tal conversa lhe desagradava, o que ele manifesta com o seu silêncio pesado ou com a habilidade subtil de desviar tal conversa?

É um facto verificado que tais conversas são postas de parte, quando um verdadeiro cristão está presente.

Mas há, ainda, outra espécie de conversas, que não é tão claramente indesejável, pelo menos, para muitas pessoas.

É absolutamente impossível pensar que o Senhor Jesus haja, alguma vez, empregado quaisquer palavras de calão ou menos próprias. O calão foi definido como «uma espécie peculiar de linguagem vagabunda que anda em volta da verdadeira, legítima linguagem.»

Convém notar que a maior parte dos vocábulos de calão nascem dessa linguagem de gíria que é usada nos círculos dos que vivem fora da lei.

O emprego do calão sugere, imediatamente, nas pessoas que o ouvem, uma grande miséria de pensamentos e uma grande pobreza de vocabulário. Mas, ainda mais do que isto, também indica a presença de uma natureza insensível para o encanto, para a beleza de uma linguagem digna, que é sempre sinal de um bom carácter.

Outra característica do calão e da gíria é que tem curta duração, o que seria excelente coisa, se não fosse imediatamente substituído por nova dose e variedade de calão.

É certo que alguns vocábulos de calão conseguem fixar-se, mais ou menos, na linguagem; mas tal facto só se dá quando aquelas palavras têm alguma qualidade característica de novidade ou originalidade.

O uso do calão e da língua vulgar torna-se num hábito, que só pode ser substituído mediante um grande esforço, que requer: afastamento do ambiente em que predomina o calão; boas leituras; boas companhias; vontade forte; muita atenção ao que se diz.

Como as palavras são o envólucro das ideias, segue-se que o emprego de palavras baixas indica a pobreza e baixeza das ideias.

Lord Chesterfield escreveu: «as palavras são a roupagem dos pensamentos; portanto estes não deveriam ser apresentados em andrajos impróprios e conspurcados, como também não apresentamos assim o nosso vestuário.»

## Palavras de discrição

As faltas de omissão e de realização podem ilustrar-se, largamente, na linguagem. Não é só o falar mal que corrompe e faz correr perigos, mas também uma verdade dita fora de tempo e a despropósito, pode igualmente ofender uma alma delicada.

«A verdade fora de propósito, que deveríamos ter guardado —

Quem sabe como pode ferir!?...

A palavra que não tivemos o bom senso de dizer —

Quem sabe como poderia florir!?...»

E. Rowland Sill

«*The Fool's Prayer*»

Infelizmente, há muitas pessoas que dizem as «verdades fora de propósito», e que estão convencidas de que as devem dizer porque são verdades, e de que dizem as coisas como elas são; esquecem-se, porém, de que, muitas vezes dizer «as coisas como elas são» significa, simplesmente, ser rude, ou grosseiro. Há tempo para tudo, até para silenciar a verdade!

A discrição na linguagem também deve ser usada no «contar os segredos». Aquilo que nós chamamos «segredos», tendem muitas vezes, para serem um pouco mais que qualquer despeito ou ressentimento, pelo que os segredos costumam ser difíceis de guardar. Um velho provérbio chinês diz: «uma palavra segredada ao ouvido pode ser ouvida a mil léguas.»

Muitos de nós podemos comprovar esta observação.

Uma regra segura que devemos seguir para evitar as indiscrições consiste em não falar muito. «Quem muito fala — fala o seu e o alheio» — diz um velho provérbio. É actualmente, matematicamente impossível evitar dizer qualquer tolice, ou disparate, se falarmos muito.

Recorde-se aquele aparatoso jovem Elihu, em Job 35:1, que «respondeu mais», ou conforme outras versões: «ele falou ainda mais», e ainda «proseguia a falar.»

É foi assim que aquele falador começou uma conversa interminável, empregando centenas de palavras para anunciar que estava para dizer qualquer coisa, e, finalmente, o que disse, nada tinha de sensato.

Abraão Lincoln, homem muito sensato, disse a respeito de um seu amigo advogado que este «era capaz de comprimir muitas palavras para traduzir poucas ideias.»

As palavras indiscretas são difíceis de retirar. Logo que saem da boca, voam com incrível velocidade, geralmente com a ajuda de outras pessoas, que as vão espalhando e ampliando. Benjamim Franklin escreveu no *Almanaque do Pobre Ricardo*: «Uma escorradela do pé, pode corrigir-se, imediatamente; mas uma escorradela da língua nunca mais se pode corrigir.»

Efectivamente, as palavras têm asas e voam, em todas as direcções, escapando ao nosso controle e voando, para onde querem.

É assim mesmo que um poeta se exprime:

«Se queres evitar que os teus lábios escorreguem;

Deves observar cuidadosamente estas cinco coisas:

Para quem falas; de quem falas;

Como falas; quando falas e onde falas.»

W. E. Norris

A torrente de muitas palavras sem que lhes correspondam ideias adequadas faz lembrar alguns dos falsos profetas do Velho Testamento. Jeremias predisse que tais homens «se farão como vento, porque a palavra não está com eles.» (Jeremias 5:13). Moffat em vez da palavra «vento» emprega o termo «paroleiro» — vocábulo de certo expressivo.

Jesus também falou de pessoas que pronunciam longas orações porque «pensam que por muito falarem serão ouvidos.» (S. Mateus 6:7).

O Salvador procurou, sempre, encontrar as palavras apropriadas às necessidades dos seus ouvintes. Apresentou-se como o Pastor para as ovelhas, o Semeador para com o campo, o Médico para com o doente, Pão para o esfomeado e Água para o sequioso.

Ouçamos, por isso, cuidadosamente, as harmonias das suas palavras, que são de amor, de pureza e de beleza.

## Palavras de cortesia

Há muitas pessoas que têm o conceito de que uma pessoa religiosa é, naturalmente uma pessoa bem educada. Não é bem assim, porque a cortesia é qualquer coisa que se relaciona com os costumes de cada época; por isso é necessário conhecer tais costumes.

A verdade é que a religião nos obriga a ser verdadeiramente corteses e sempre bem educados para com todos.

Há muitas pessoas, cuja religião parece profunda, mas que são pouco corteses tanto no falar como no proceder, mostrando-se antipáticas. Talvez porque não aplicam a religião aos casos particulares. Há, decerto, muitas regras de etiqueta que têm mudado com os vários costumes e com as épocas; mas a Regra Áurea não pertence a estas regras. Como sempre mantém-se em todo o seu vigor, tendo sempre aplicação.

A Irmã White diz a respeito da delicadeza: «O Evangelho não encoraja a polidez formal da vida corrente com o mundo, mas sim a cortesia que brota da amabilidade real do coração.» — *Ministry of Healing*, págs. 489, 490.

As palavras delicadas são semelhantes ao ar, dentro dos pneumáticos; o ar é gratuito, e de graça se mete dentro dos pneus; e é assim que os pneus contribuem para a marcha confortável. Não

há desculpa, se os pneus não se encherem, pois o ar é grátis.

Há quem pretenda desculpar as pessoas mal-criadas, dizendo delas que são «diamantes em bruto» Mas quão valioso não é um diamante, devidamente lapidado!

«A religião de Jesus abrande e disciplina o espírito, muito embora, por vezes, pareça ser rude no conjunto; também suaviza a maneira de ser, embora pareça ser áspera nas maneiras. . . As palavras amáveis são como o orvalho e a chuva benéfica para a alma.» — *Obreiros Evangélicos*.

A má educação, quer nas palavras, quer nas maneiras, é, de facto uma desagradável forma de egoísmo, porque manifesta um desrespeito pelos direitos e personalidade dos outros, e destina-se, geralmente, a mostrar a teimosia de se querer impor.

## O silêncio é de ouro

Há algumas zonas em que o silêncio é, realmente, de ouro. Por vezes o silêncio fala muito mais alto do que quaisquer palavras, e pode ser uma maneira mais eficiente de expressar a desaprovação, assim como a aprovação.

O silêncio é de ouro, quando formos tentados a ser um caluniador ou um mentiroso. São estes os meios pelos quais, quem os emprega, leva os ouvintes a menosprezar ou a desprezar aqueles de quem se diz mal.

O silêncio é de ouro, quando somos tentados a criticar — o que constitui o processo de levar os outros a considerarem-nos melhores ou superiores aos que criticamos.

O silêncio é de ouro, quando somos levados a lisonjear — pois é este um dos processos que induz em erro aquele a quem se dirige a lisonja, e proporciona ao lisonjeador a oportunidade de alcançar o que pretende.

As características da conversa cristã são: a sinceridade, a amabilidade, a exactidão, a elegância e a dignidade.

Talvez se possa enumerar o seguinte decálogo das conversas cristãs:

- 1 — Não dispararás a flecha do ódio.
- 2 — Não exagerarás.
- 3 — Não faltarás à palavra dada, sem primeiramente teres falado com aquele a quem a deste.
- 4 — Não caluniarás.
- 5 — Não serás tagarela, nem espalharás as coisas que te contam.
- 6 — Não lisonjearás.
- 7 — Não mentirás.
- 8 — Não perderás tempo conversando de futilidades.
- 9 — Não farás insinuações nem sugestões maldosas.
- 10 — Deves aprender, desde já, aqui na terra, a linguagem do céu.

## CURSO DE LEITURA DOS JOVENS

### Juvenis

A Grande Aventura de Livingstone  
As Viagens do Apóstolo Paulo

Preço especial do Jogo: Esc. 22\$50

### Jovens

Quem Dominará o Mundo?  
Que Nos Reserva o Futuro?

Preço especial do Jogo: Esc. 20\$00

Este preço excepcional de 22\$50 e 20\$00 para o Curso de Leitura é possível graças a uma concessão especial da Publicadora Atlântico, Lda. e do Departamento dos Missionários Voluntários da União Portuguesa, sendo válido apenas até ao fim do terceiro trimestre de 1960.

(Sexta-feira, 25 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*Na escolha de tudo quanto eu veja*

A palavra contemplar aparece frequentemente nos livros da Bíblia. Não significa apenas ver com os olhos físicos, mas refere-se também à compreensão daquilo que é visto. Diz S. Paulo: «Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais e as que se não vêem são eternas.» 2 Cor. 4:18. Qualquer discussão acerca de coisas que se devem ou não ver, tem pois que ser considerada à luz das realidades invisíveis, em vez das coisas materiais.

Três espécies de vista são claramente sugeridas em S. João 20:5, 6 e 8. Quando primeiro João chegou ao sepulcro, olhou para dentro e viu no chão os lençóis, mas não entrou. Então chegou Pedro, que entrou no sepulcro e viu no chão os lençóis e que o lenço que tinha estado sobre a cabeça de Jesus não estava no chão, mas enrolado num lugar à parte. Neste versículo o texto grego não usava a mesma palavra que no versículo anterior, pois não se trata de um relance de olhos, mas de um olhar mais atento, de uma contemplação da cena. A seguir, porém, João entrou no túmulo e viu. Novamente é usada uma outra palavra grega e isto quer dizer que ele viu não só com os seus olhos físicos, mas também que apreendeu o significado de toda a cena.

Há uma grande diferença entre o ver qualquer coisa à distância, superficialmente e a contemplação que gera profunda compreensão. O que virdes terá muito que ver com o vosso carácter. Se a mente está cheia de confusão por ver demasiadas coisas casualmente, ela perde a sua força e poder de análise; se ela está habituada a contemplar então será profundamente

afectada pelo que vir, seja para o bem ou para o mal.

## O écran

A descoberta de televisão introduziu o teatro e o cinema nos lares, um teatro num sentido talvez ainda mais perigoso que o outro, pois que se encontra à disposição de todos e tem que a questão dos preços não interfere. Não vamos discutir se é bom ou mau instalar um aparelho de televisão em casa. Os que excluem os *écrans* da televisão do lar são uma minoria. Por outro lado os possuidores de televisão são cada dia mais numerosos e vós podeis ver em casa do vizinho um espectáculo que não seríeis autorizados a ver em vossa casa. Insistiremos pois, única e simplesmente na necessidade de escolher judiciosamente os seus programas.

Numa aula da primeira classe estava-se aprendendo as letras do alfabeto. A professora interrogou: «Qual é a letra que vem a seguir ao T?» «O V!» respondeu rapidamente um miudinho. Com um tão poderoso instrumento para o bem e para o mal em quase cada lar, deveríamos ser cuidadosos na selecção dos programas, vigiando as crianças e dominando-nos nós próprios, para não lhes darmos um uso inadequado!

Vejamos apenas alguns factos. Todos sabem que o teatro, assim como o cinema aliás, encontram a sua principal fonte de inspiração nos conflitos e dramas conjugais. A infidelidade e todas as complicações que ela suscita é não somente exaltada como explorada em pormenor, sem o mínimo pudor e com tal desenvoltura que faz do adultério um jogo sem consequências. A vida familiar está degrada-

dada a tal ponto que a terrível e longa série de coisas que se segue depois do divórcio é tratada como sendo banal e lógica. Pretender que se podem ver esses espectáculos sem que o nosso pensamento seja em consequência afectado, é ser muito ingénua ou cegar-se prepositadamente.

A atitude livre das raparigas de hoje — que desejavam ver-se libertadas da moral tradicional — é índice da depravação dos costumes. A rapariga meiga, tímida, inocente — para o cinema pelo menos — é coisa do passado. Em seu lugar apareceu a mulher atrevida, cheia de sofisma, descarada e que ultrapassou os limites convencionais da decência. Mas o mais grave de tudo é que o que no princípio deste século era considerado vulgar e baixo é agora representado como sendo coisa admitida e até desejável.

Esta quebra da moral no écran não é senão um indício entre outros, de uma situação deveras alarmante. Tais filmes não existiriam se o público os não reclamasse. Os produtores de filmes gastam milhões em inquéritos destinados a saber e julgar os gostos do público. Mencionemos, de passagem, o efeito nocivo dos filmes de horrores, de atentados e mortes, sobre os tenros nervos das crianças e adolescentes. Como inculcar nos jovens o respeito da vida e a decência uma vez que essas coisas são menosprezadas no écran? Poderá alguém objectar que esses filmes são para adultos e que estes estão vacinados contra a ficção; que esses espectáculos lhes outorgam um meio de fuga às realidades tão duras da vida e mesmo até à mediocridade da existência. Mas, proibir-se-ão aos jovens estes espectáculos?

O cristão não necessita recorrer a estes sofismas. Ele não tem que afogar na arte ou na literatura os seus sentimentos de frustração. Não sente desejo de fugir diante das realidades imediatas. Ele sabe que a vida pertence a Deus e esforça-se por torná-la digna desta elevada vocação. Eis a grande diferença!

Portanto, se o cristão instala em sua casa um aparelho de televisão, ele fará bem em ser muito circunspecto quanto à escolha dos programas. Quando se trata de um crente de firme consciência, amando o que é belo e verdadeiro, o problema perde um pouco da sua acuidade; porque um espírito voltado para o bem sente uma repulsa imediata e instintiva por tudo o que é barato demais, trivial e sórdido, e disso se desvia sem esforço. O primeiro dever de um cristão é pois voltar o seu espírito para valores tão elevados que nada do que é baixo poderá jamais atingir.

### As revistas e jornais ilustrados

Um rápido exame dos jornais e revistas expostos nas livrarias e tabacarias convencer-nos-á dos perigos que representa esta espécie de literatura. O mais absurdo sentimentalismo aparece em cada página, misturado por assim dizer com um pouco de sensualidade de modo a influir no número de vendas. Mais pungente ainda, são esses romances baratos tão longe da verdade — e da arte — quanto é possível, que açoitam a imaginação dos jovens com as suas sugestivas capas, de uma falta de pudor a toda a prova e cujo conteúdo não é senão uma iniciação na devassidão.

Reconhecemos a realidade fisiológica e que neste domínio como em muitos outros a franqueza associada ao ideal cristão é preferível às reticências mentirosas das gerações que precederam a nossa. Mas o que torna esses livros mais

nocivos é que eles fazem apelo ao que há de mais turvo na alma humana e pervertem os sentimentos fazendo dos leitores intoxicados, quer dizer, fiéis clientes (porque no fim de contas tudo é uma questão de lucros), mas também espíritos depravados.

Há ainda um outro risco nas leituras deste género. Aquele que nelas toma prazer não conservará por muito tempo a integridade das suas capacidades intelectuais; o seu gosto pelo esforço e pelas leituras sérias diminui! Perderá pouco a pouco a faculdade de se concentrar e o domínio de si próprio que faz o valor dos espíritos superiores.

### A Falsa respeitabilidade

Um perigo muito mais subtil existe nos romances de reconhecido valor literário. O seu ar de respeitabilidade inspira confiança. Concebidos por distintos escritores eles dirigem-se a espíritos cultos e dão uma satisfação real sob o ponto de vista artístico. Uma tentação de aparência delicada parece sempre menos repugnante do que uma tentação vulgar. Todavia implica um não menos perigo de queda.

Da mesma maneira que cavando as suas galerias na sombra pode provocar o desabamento de um sólido edifício, o mal ornamentado de respeitabilidade pode arruinar a alma daquele que lhe dá asilo. Mesmo que os princípios morais não corram o risco de serem abalados, há valores secundários que devem ser preservados, e em primeiro lugar o respeito de si próprio.

É necessário um espírito profundamente cheio de inspiração divina para não cometer erros neste domínio. O discernimento é difícil de fazer. São bem raras as pessoas que sabem fazer o julgamento. A grande massa deixa-se enredar inocentemente nas ofertas aliciantes da publicidade, e pensa que tudo quanto aparece nos jornais é verdade; esses que nos espectáculos derramam abundantes

lágrimas por causa das infelicitades fictícias dos seus heróis, cercarão o seu coração quando a autêntica miséria bater à sua porta. Recentemente um pornalista declarava com certo humor negro que se o mundo não aprendesse a discernir, a terra seria em breve habitada exclusivamente por criminosos e imbecis.

### Que contemplaremos?

Não imagineis no entanto que as restrições enunciadas têm por objectivo privar-vos de todas as alegrias. Pelo contrário, elas põem-vos de sobreaviso contra as falsas aparências, as decepções e os perigos de uma vida falhada. Repudiar os divertimentos licenciosos não significa renunciar à felicidade. Ninguém deseja fazer de vós cristãos de cara comprida que se recusam qualquer alegria. Vivei intensamente, apaixonai-vos por todas as belas coisas que se oferecem à vossa observação. Os cristãos devem ser o povo mais feliz do mundo, devem fruir as coisas simples e isto quer dizer que o prazer é mau apenas quando ele finda nele mesmo; que comer é um prazer, mas a glotonaria é uma tristeza; que a liberdade é nobre mas a licenciosidade é amiquição. Há tanta coisa bela, estimulante, excitante e digna de ser contemplada, mas os homens olham-nas de relance e afastam-se.

Pensai um momento na natureza — como ela com as suas milhares de vozes ecoa profundamente nas necessidades do coração humano, porque é o segundo livro de Deus. Quando Job olhou para as Pleiades e para o Orion e contemplou outras evidências da onnipotência de Deus, ele disse: «Eis que sou vil; que Te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca.» Como se sentiria ele se pudesse agora olhar através de um moderno telescópio a estrela cuja luz demora a vir até nós um milhão de anos. Que diria ele se lhe dissessem que no outro lado da escala há uma série de molé-

(Sábado, 26 de Março de 1960)

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

*Na minha entrega total*

«Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.»  
(Filipenses 4:8).

Em determinado momento no decorrer dos séculos, a Divindade associou-Se, por intermédio de Jesus Cristo, à experiência humana. Foi incontestavelmente o maior acontecimento da História. «Que penso eu de Jesus?» torna-se por conseguinte a pergunta decisiva que cada ser humano deve fazer a si próprio. Para esta pergunta há apenas uma resposta satisfatória, aquela que Pedro deu ao seu Mestre: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.» (Mateus 16:16).

Considerar Jesus como um ser extraordinário, isento de pecado, exemplo sublime na Sua vida e na Sua morte, não é suficiente para nos fazer nascer a esperança no coração. Onde encontraremos a força necessária para atingir o inacessível ideal que Ele nos propõe? A Igreja primitiva via n'Ele mais que um exemplo ou uma grata recordação. Via n'Ele o Sal-

vador vivo que dava a vida. Quem se atreveria a dizer; «Estarei convosco sempre, até à consumação dos séculos?» Isso seria uma loucura. A Igreja possuía a convicção absoluta de que, graças ao Espírito Santo, Cristo estava sempre presente, e de que por Ele, era guiada em toda a verdade.

João Baptista anunciara a vinda de Um mais forte que ele que baptizaria com o Espírito Santo e com fogo (Luc. 3:16). O fogo produz luz, aquece e purifica. O Espírito Santo elimina o pecado, conduz na verdade e proporciona o calor duma viva comunhão fraternal.

**A Luz**

Para que se possa produzir a luz, é necessário que primeiro exista uma certa probidade intelectual, uma disposição honesta

que não admita nada de tenebroso ou equívoco. Esta honestidade leva-nos a respeitar os factos do mundo invisível e bem entendido a reconhecer os nossos deveres para com o Criador sem nos entrincheirarmos por detrás de raciocínios pessoais. A luz do Espírito alarga o círculo das nossas simpatias, pois ela nos mostra que Deus, na Sua sabedoria, se serve de homens bem diferentes e que existem muitas maneiras de O servir e louvar. A natureza da função em si mesma tem pouca importância. O que é indispensável é considerar cada momento, cada lugar, cada objecto integrado no serviço cristão.

**A Purificação**

O cristianismo não é um conjunto de superstições desprovidas de qualquer sentido, nascidas da ignorância ou do temor. É um

culas que nunca foram vistas porque são tão pequenas e que meio litro de água poderia formar uma cadeia à volta do mundo 200 milhões de vezes?

Nada para ver! O aumento da ciência abriu diante de nossos olhos maravilhosas belezas nunca sonhadas alguns anos atrás e uma inexaurível fonte de coisas maravilhosas para ver e ouvir.

Mas há algo ainda mais interessante e admirável do que tudo

isto para ver. A maior de todas as visões espera por aqueles que têm olhos espirituais e vêm para além dos domínios materiais em que vivemos. É quando nós vemos com os olhos da fé que as belezas do mundo presente se revestem de profundo significado.

Uma das maiores dificuldades para os cristãos e os seus prazeres é talvez que muitos deles têm medo de desfrutar a vida com receio de serem julgados tolos ou levianos.

Que erro tão grande! Podemos ter a certeza de que quando Deus nos tira qualquer coisa é sempre para a substituir por outra muito melhor.

As mais estáveis alegrias da vida encontram-se na contemplação de coisas comuns como os lírios dos campos. Um grande desejo ardente para o sencional está-nos despojando da possibilidade de usufruir o que está mais perto de nós, quando afinal, mesmo na nossa

destino. Concebido pela suprema sabedoria, faz apelo a todas as faculdades do ser humano: obriga o espírito a sair da sua esfera restrita; dá às aspirações afectivas e espirituais um impulso que as faz guindar até à compreensão do divino; dá ao corpo surpreendentes recursos. A consagração é ao mesmo tempo submissão e pleno desenvolvimento do ser completo, isto é, coloca à inteira disposição de Deus o espírito, a alma e o corpo.

Acompanhando a consagração, existe sempre uma aspiração à pureza e um desejo de perdão (conf. Tito 3:5). Como se opera a regeneração? Ninguém é capaz de o dizer. Quem pode medir a fé? Quem conhecerá todos os seus efeitos? Quem poderá separar todos os elementos da alegria do serviço cristão? Quem dará uma definição exacta de Deus? Nada disso se encontra ao nosso alcance. Não se pode colocar o amor de Deus e a lealdade humano nos pratos duma balança! E no entanto o milagre existe, incontestável, devidamente atestado por inumeráveis testemunhos.

Este impulso misterioso para o ideal e a pureza, que nasce no coração do homem quando este se encontra na presença de Deus, ninguém jamais o poderá perfeitamente definir. O próprio Mestre, em resposta à pergunta de Nicodemos sobre o novo nascimento, não tentou demonstrar exactamente a acção do Espírito Santo. Limitou-se a indicar os resultados práticos. O processo da regeneração

— a purificação dos desejos e das intenções — implica a instauração duma disciplina interior, e isso não se dá sem sofrimento. A poda, a monda, o enxerto, são operações muito delicadas. Consistem numa mutilação para dar vida. Submeter-se voluntariamente a elas exige um esforço. Muito mais fácil é deixar prevalecer as tendências naturais. É o que faz com que, tantas vezes, a profissão de fé e a vida prática se encontrem em opposição. Para as reunir num mesmo plano seria preciso baixar o ideal ou elevar o nível da acção. Uma consciência esclarecida pelo Espírito Santo repele como inaceitável a primeira solução. Esforça-se pois por realizar a segunda.

### Fervor

O novo encontro com Jesus ressuscitado foi para os discípulos uma experiência inolvidável: «Não ardia em nós o nosso coração quando... nos falava, e quando nos abria as Escrituras?» O resto da vida dos discípulos devia conservar uma espécie de radiação consequente dessa experiência. Afora a convicção propriamente dita e a purificação interior, a consagração completa devia comportar o fervor, esse caloroso entusiasmo que exalta a comunhão fraternal, que enche a alma de um ardente zelo missionário, que nos dá uma visão mais nítida dos objectivos a atingir.

Foi a este género de fervor que a Igreja primitiva deveu o seu po-

der extraordinário e maravilhoso. Para os Romanos, a atitude dos cristãos era um mistério; só um louco fanatismo podia explicar que alguém desse a vida por um criminoso crucificado. Após a Ascensão os discípulos regressaram a Jerusalém, não lamentando a perda do seu Chefe e Amigo, mas cheios de alegria e de fé. Esse ardor divino que os animava levou-os a cruzar os mares na proclamação da boa nova.

Quando Paulo pregava a ressurreição, ponto central do seu Evangelho, a certeza de que Cristo se encontrava realmente vivo iluminava a sua vida. Quando defendia o seu apostolado contra os adversários, a lembrança da aparição no caminho de Damasco enchia-o de fervor e autoridade. Quando o fervor nasce duma espécie de visão interior, confere à pregação um incomparável poder. Cita-se o caso de um pastor que costumava pregar sermões de género um tanto abstracto. Encontrou um dia em cima do púlpito um bilhete assinado pelos seus diáconos: «Queríamos ver Jesus!» Tocado pela repreensão envolvida nestas palavras, ele procurou rapidamente ver onde estava falhando e esforçou-se por adoptar um género mais vivo de pregação. Algum tempo mais tarde, teve a satisfação de descobrir outro bilhete no qual figurava este simples versículo: «Os discípulos alegraram-se vendo o Senhor.» (João 20:20).

A certeza de que Jesus está vivo basta para modificar uma

frente se encontram livros, natureza, música e amigos que se podem ter e apreciar e consultar. Devemos usufruir as coisas comuns e as extraordinárias.

A dificuldade com alguns cristãos é a mesma dos ídolos que David relata: «Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem.» (Sal. 115:5). Nós temos na vida tudo quanto necessitamos para que ela seja uma boa, alegre e feliz vida.

O que precisamos é uma mudança na nossa atitude já tão profundamente enraizada. Devemos chegar à conclusão de que não vemos como devíamos e que estamos por causa de falsos valores, muito confundidos acerca disto. Se alguém estiver em constante redemoinho de actividade os seus nervos excitados começam a desajar cada vez maior actividade e excitação, até que perde a capacidade de fazer a sua vida nor-

mal e desfrutar os verdadeiros prazeres da vida. Não, não é a religião que nos priva dos nossos prazeres; ela apenas deseja restaurar em nós a alegria que nós perdemos e sentindo essa perda, tentamos recuperar indevidamente.

Ver a beleza que não vimos antes, sentir repulsa pelo baixo e vulgar, encontrar satisfação nas coisas simples, ter um coração compreensivo, é encontrar a maior alegria que a vida oferece.

vida, para substituir a mediocridade e a frieza pelo calor e uma atitude fervorosa. Muitas vezes se considera a religião como uma espécie de sistema filosófico no qual Deus não passa duma influência vaga, Jesus de um Homem eminentemente superior e a oração de um exercício psicológico útil à elevação da alma. A fé viva é uma coisa completamente diferente. Não é nem a simples adesão a uma regra de conduta nem o esforço moral tendente a acrescentar virtude após virtude e que poderíamos comparar ao gesto de um pedreiro empilhando o tijolo. Comparemo-la antes a uma transfusão de sangue, ou a uma corrente de água vivificando o deserto, ou ainda à corrente eléctrica que carrega de energia o fio condutor. Essa força viva permite realizar milagres.

### Que é um Cristão?

Cristão não é somente aquele que crê em qualquer coisa. Nem tão pouco é aquele que leu a sua Bíblia muitas vezes, nem mesmo aquele que foi baptizado. É porém aquele que, tendo-se consagrado definitivamente a Deus, se encontra dia a dia em face de novas experiências de que depende o seu aperfeiçoamento.

Querendo unir-se à igreja cristã, um guerreiro saxão pediu o baptismo. Baptizava-se então por imersão. Chegando o momento, o homem ergueu um braço para o conservar fora da água. O padre protestou que o corpo devia ser todo submerso para o acto ter valor. Mas o soldado ripostou que não podia consagrar aquele braço, pois que o devia reservar para combater.

O cristão é um culto vivo dedicado a Deus. Um pequeno episódio, relativo a João Ruskin, ilustra perfeitamente este pensamento. Quando morreu esse grande servo de Deus, o ferreiro da aldeia dirigiu à família enlutada esta simples frase de condolências que

constituia uma notável homenagem: «Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.»

Ao fazer Deus uma suprema tentativa para arrancar o homem à ruína escolheu um povo e revelou-Se a ele por intermédio dos profetas e da Palavra escrita, depois concretizando essa Palavra num Homem que os homens iriam poder tomar por modelo. Crucificaram-n' O, a Esse que lhes queria dar a vida; mas onde quer que Ele é adorado em espírito e em verdade, atrai as almas a Si.

O Espírito Santo revela-Se no coração pela prática quotidiana das virtudes cristãs sob o olhar de Deus. Norman Peale conta o caso de um velho escocês que contraíra uma doença grave. O pastor sugeriu que se collocasse uma cadeira junto à cabeceira do leito e que o velho procurasse imaginar Jesus ali sentado conversando com elle como amigo. O velho assim fez e sentiu-se bem. Uma semana mais tarde a sua filha veio toda em lágrimas anunciar ao pastor que havia encontrado o velho pai morto no seu leito e, curioso pormenor, conservava a mão apoiada, não sobre o lençol, como seria de esperar, mas sobre o braço da cadeira. A senhora estava espantada. O pastor respondeu que por sua parte não estava admirado. Esse gesto significava que o bom homem havia falecido segurando a mão de Jesus.

A consagração não deve ser feita levianamente, pois envolve o ser completo, porque é ao mesmo tempo a aceitação de Cristo e o dom de si próprio. É o oposto da atitude de Herodes que, quando viu Jesus «alegrou-se muito, porque havia muito que desejava vê-lo... (Luc. 23:8). Por detrás da sobriedade destas palavras advinha-se a culpável superficialidade de Herodes que não vê, não discerne a essência divina d'Aquelle que está na sua frente. Por isso Jesus não dá resposta alguma às perguntas que lhe dirige o tetrarca. Na rea-

lidade Herodes importava-se pouco com Cristo como Salvador; o que ele queria era vê-Lo trabalhar, fazer milagres. O seu interesse não tinha nada de espiritual. Quantos de nós entretemos sentimentos análogos a estes! Interessamo-nos pela pessoa de Jesus enquanto esse interesse não implique sacrifícios verdadeiros. Ora é justamente a renúncia de si mesmo que Ele pede; o que desconcerta as almas que se Lhe dirigem é Ele propor imediatamente um dever a cumprir um prodigioso a endireitar, um perdão a conceder e uma infinidade d'outras acções tão estranhas à nossa natureza egoísta que exigem um verdadeiro esforço. Aceitar, humilhar-se, obedecer! É este o preço da paz no coração e no espírito, o preço da felicidade — uma felicidade em tudo superior — e o preço duma lenta transformação à imagem de Cristo.

Jovens, eis-nos chegados ao fim desta Semana de Oração. Sentimos sobre nós o sopro do Espírito Santo e tomámos a resolução de servir a Deus com mais fidelidade. O senhor vos convida hoje a ratificar essa decisão por uma consagração mais completa, pela firme resolução de honrar Cristo em todas as coisas e de o tomar por modelo. Aprender a conhecer e amar Jesus é uma etapa — a mais fácil. Pedi-Lhe hoje a Sua bênção e a Sua ajuda para atingir a segunda: a submissão perfeita ao que Ele pede de vós.

*(O apelo toma aqui a forma que julgardes mais conveniente. Mas cuidai em não negligenciar nenhuma das necessidades espirituais da assembleia. Dai aos que não haviam ainda ouvido falar de Jesus ocasião de se manifestar: aos desanimados dai ocasião de recomeçarem; aos que conseguiram vitórias, de renovar a sua consagração. Enfim, animai os pais e os membros de igreja a apoiar os jovens, associando-se a eles num dom total ao Salvador. Uma oração de consagração deve encerrar o serviço).*



# COMUNICAÇÕES PARA AS CRIANÇAS

Segunda-feira, 21 de Março de 1960

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

### *Nas nossas Decisões*

*Texto:* «Escolhei hoje a quem sirvais. . . Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor». (Josué 24:15).

Há poucas montanhas no mundo comparáveis aos Rochedos do Canadá em beleza natural. Uma estrada que percorre parte dessas montanhas atravessa um dos cumes a grande altitude, fazendo separação entre as províncias de Alberta e a Colúmbia Inglesa. Levantaram ali uma enorme, rústica tabuleta. Nela estão escritas as seguintes palavras: «A Grande Divisão».

Dos picos que dominam esse local escorre uma pequena corrente de água fria pura e cristalina, alimentada pela neve em fusão. Ao passar junto da tabuleta, a corrente divide-se em duas. Uma delas corre pela encosta ocidental dos Rochedos. Engrossada por outras correntes torna-se num rio e vai desaguar ao Oceano Pacífico. A outra dirige-se para o oriente e para o norte, aumentando de volume à medida que outras águas se lhe vão juntando. Encontra a grande baía de Hudson e o Oceano Ártico. Uma das correntes vai para oeste e torna-se parte do grande oceano cujo nome fala de paz — um grande oceano em cujo seio grandes navios se deslocam de continente para continente. A outra vai ter às vastas regiões geladas do norte, tornando-se, talvez, parte dos grandes e perigosos icebergs que destróem navios.

### A Grande Divisão da Vida

Rapazes e meninas, essa pequena corrente ensina-nos uma lição. Como jovens correis pela vida,

aprendendo, crescendo, adquirindo conhecimento e inteligência até ao dia crepuscular da responsabilidade. Há um momento em que encontras a «grande divisão» da vida. Deveis escolher qual a direcção a tomar. Deveis responder por vós próprios. As perguntas são: «Escolherei o caminho de Cristo? Seguirei pelo caminho da verdade e do dever? Escolherei uma vida de serviço útil a Deus e ao meu próximo? Ou procurarei o prazer, as riquezas terrenas e a fama que perece?»

Jovens, há apenas dois caminhos e tendes de vos decidir por um ou por outro. O apelo que Josué dirigiu ao povo de Israel perto da sua morte, dirige-se também a vós: «Escolhei hoje a quem sirvais. . . «Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor». Fiz a minha decisão e estou contente por ter dado a Deus o meu coração. Decido hoje dedicar de novo a minha vida a Jesus. Qual é a vossa escolha? Qual é a vossa decisão? Hoje é o dia em que vos encontras frente a uma grande escolha.

O caminho de ferro transcontinental atravessa uma pequena vila do Oeste. As longas linhas de aço estendem-se até ao horizonte em ambas as direcções, brilhando ao sol. O grande expresso não pára nesse local, mas, duas crianças que ali vivem, António e Henrique, nunca faltam na estação à passagem do comboio. Vê-lo correndo pela planície em direcção a eles, a impressão da sua passagem e depois ir-se afastando até perder de vista é um grande prazer para os rapazes. Como uma flecha de prata, o expresso aproxima-se, passa e desaparece.

Um dia começaram eles a discutir sobre de que seria feito aquele comboio. António aventou que se

parecia tanto com prata que se calhar era mesmo prata pura, mas o Henrique não tinha a certeza. O empregado da estação por acaso ouviu a conversa e quis esclarecê-los. Tirou do bolso um velho canivete e abriu-o.

«Vêem vocês esta lâmina?» — pergunta-lhes, mostrando o canivete já usado, sujo e escurecido. «Pois bem, o comboio é feito da mesma coisa que isto».

«Não pode ser», protestou António, «esse canivete é negro. Como é que aquele comboio tão branquinho é feito da mesma coisa?».

Então o homem explicou aos rapazes que tanto o comboio como o canivete eram feitos de aço. Ambos eram rígidos, de boa qualidade. Depois explicou as diferentes maneiras de preparar o aço. Explicou que ao aço de que é feito o comboio se juntou certas matérias para tomar o aço inoxidável. Qualquer aço sem ser assim preparado, perderia a cor em contacto com certas coisas. Aquele canivete não era feito de aço inoxidável. Era usado para descascar maçãs, cortar madeira, abrir latas, etc., e as diversas coisas que estiveram em contacto com o aço fizeram-no ficar preto.

Com o comboio a história era outra. Ele tinha tido contacto com várias coisas que escureceriam um canivete vulgar. O vento, a chuva, a neve, o granizo, o fumo, o pó — nada disso tinha qualquer efeito, porque o aço tinha sido preparado para ser inoxidável. Apesar de tudo o que o rodeava, o comboio continuava a ter a aparência de prata.

## Brilhante ou embaciado

Há dois tipos de aço: um embaciado pelas muitas coisas com que entra em contacto; o outro não pode ser manchado por coisa alguma. Há jovens que se podem comparar com estes dois tipos de aço. A vida de alguns é facilmente manchada por tudo, mas outros atravessam este mundo de pecado sem receberem qualquer mancha do que de mais sujo os possa rodear. A diferença está não que se encontra no interior. Um aço inoxidável é a vida daquele à qual se juntou a qualidade anti-corrosiva do Espírito de Deus. A cada um de nós cabe decidir se recebemos ou não Deus na nossa vida.

«Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.» João 14:2,3.

Se queremos ter parte neste lar que Jesus nos foi preparar, temos que fazer a nossa decisão de O seguir, de andar com Ele e recebê-Lo no nosso coração e viver para Ele. Eu quero estar preparado para entrar nesse lar que Jesus me está preparando. E vós não quereis também?

Um casal de emigrantes fora para um país distante procurar fortuna. Trabalharam duramente e em poucos anos conseguiram comprar uma pequena casa. Porém, nunca deixaram de se sentir estrangeiros naquele país. Muitas vezes sonhavam com o momento em que, munidos de uma pequena fortuna, poderiam voltar à terra natal. Tornar a ver a família, os amigos, saborear de novo a comida da sua terra — tudo isso os fazia sentir saudades.

Vários anos passados, chega enfim o tão desejado dia. Tudo está em ordem, bilhetes, bagagens, passaportes. Sentem uma intensa emoção ao subir a escada que une o cais ao paquete que os deve levar. Subitamente a esposa repara que se esqueceu de fazer uma compra e volta a terra. Tem ainda muito tempo porque o navio só deve sair uma hora depois, mas

os armazéns aonde se dirige estão apinhados e tem de percorrer vários até encontrar o artigo que lhe interessa. De repente, com um sentimento de espanto fácil de imaginar, ouve o sinal do navio anunciando a partida. O seu marido e as bagagens estão a bordo. Corre como uma louca em direcção ao cais. Quando ali chega, alguns metros a separaram já do grande barco e a escada foi suspensa. Tarde demais! Perdera a partida! Ficou ainda muito tempo no cais, chorando inconsolável, enquanto o lindo paquete se afastava inexoravelmente.

Muitas pessoas correm o risco de fazer uma experiência semelhante quando Jesus vier. Um cuidado, uma ocupação, um prazer as impedirá de se prepararem para a última viagem rumo à pátria celeste. Jovens! Atendei esta súplica: Tomai hoje mesmo a decisão de estar preparados quando Jesus voltar a buscar os Seus.

## Sempre prontos

Um grande explorador, Shackleton, empreendeu uma expedição para atingir o Polo Sul. Tendo surgido grandes dificuldades, foi obrigado a abandonar uma parte dos homens da sua equipa numa ilha deserta, indo ele próprio com dois dos seus companheiros buscar socorro. Antes de deixar aqueles homens, o explorador deu-lhes a certeza de que voltaria a buscá-los e advertiu-os de que estivessem sempre preparados para partirem imediatamente. Depois de terríveis

sofrimentos, Shackleton e os seus companheiros, chegaram à base. Aí encontraram o necessário constituíram uma brigada de socorro. Após vários dias de luta com as massas de gelo, conseguiram dirigir o barco por um canal que conduzia à praia onde haviam deixado os colegas. Estes aguardavam com as bagagens prontas para largarem. Sem perder um instante, todos embarcaram, e assim o barco salvador não teve tempo de ser apanhado pelo gelo flutuante. Mais tarde, Shackleton perguntou-lhes como haviam conseguido estar prontos no momento exacto em que era necessário.

— Muito simples, responderam eles. Todas as manhãs dobrávamos as tendas e empacotávamos o material como se a partida fosse para esse dia. À noite voltávamos a instalar-nos. — Mas, perguntou-lhes Shackleton, não se cansaram de recommençar todos os dias a mesma tarefa? — Não! responderam. Sabíamos que um embarque rápido seria a nossa única esperança de salvação e tínhamos convicção de que faríeis o impossível para nos salvar. Por isso, tínhamos que estar preparados; não seria assim?

Em breve Jesus vai voltar, segundo a promessa que fez aos Seus discípulos, para levar consigo aqueles que, fielmente, se prepararam para a Sua vinda. Por mim desejo ardentemente estar preparado! E vós, não desejais também? Nesse caso, não vos demoreis, dai hoje ao Senhor o vosso coração. (*Os que tomam esta resolução queiram levantar-se.*)

«A oração não faz Deus baixar até nós; mas eleva-nos até Ele.

«...a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da onnipotência.»

(*Aos pés de Cristo, págs. 79-81*)

Terça-feira, 22 de Março de 1960

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

### *Na escolha das minhas Associações*

«E Enoch andou com Deus». (Gen. 5:24).

Pouca gente aprecia estar sozinho, pelo menos o tempo todo. Realmente, todos gostam de estar só um momento para ter oportunidade de pensar, estudar, concentrar, mas de uma maneira geral gostamos de estar com pessoas. Fomos feitos por Deus para ser criaturas sociais. No princípio, depois de ter feito Adão, Deus viu que não era bom que o homem estivesse só, e assim veio a prover uma companheira para ele. Temos todos muitos amigos, mas alguns são mais chegados do que outros.

Enoch vivia há muitos anos. Ele tinha o seu lar, os seus filhos, e muitos amigos na vizinhança. Aparentemente, Enoch era um pastor, porque sabemos que ele pregava ao povo. Também era profeta, porque profetizou a segunda vinda de Cristo. Mas Enoch tinha um certo amigo com o qual ele gostava de associar-se. Muitas vezes ele passeava com este Amigo pela floresta e pelos campos, conversando com Ele acerca dos problemas da vida, acerca das coisas espirituais, e de muitas outras coisas. E então, veio um dia em que Enoch desapareceu deste mundo porque era convidado para viver com o seu dilecto Amigo. Deus era o maior amigo de Enoch.

Quando duas pessoas estão intimamente associadas, elas têm muitas vezes os mesmos gostos, as mesmas afinidades, e quanta maior é a sua associação, mais tempo permanecem juntas, mais parecidas se tornam. Talvez já vistas pessoas se, pela sua longa associação, tendem a parecer-se.

Enoch era amigo de Deus. Ele andou com Ele e, por ser amigo de Deus, e por associar-se com

Deus tornou-se tão semelhante a Deus que por fim foi trasladado e foi para a casa de Deus. Deus deseja ser o vosso amigo assim como era amigo de Enoch. Ele convida-vos a andar com Ele, a falar com Ele, e ao passo que o conheceis melhor, e que mais tempo passardes com Ele, mais semelhantes a Ele sereis.

Se bem que Jesus deva ser o nosso melhor amigo, ainda temos outros amigos, aqueles com os quais nós nos associamos cada dia. Muitas vezes são estes amigos humanos que influenciam a nossa amizade com Jesus, portanto é necessário considerar cuidadosamente a quem escolhemos como amigos.

#### Segui o Guia

É fácil demais seguir a multidão. Anos atrás havia um pastor que tinha um grande rebanho de boas ovelhas. Ele mais os seus cães tomava muito cuidado das ovelhas, conduzindo-as de lugar em lugar onde havia bons pastos, protegendo-as das feras, guardando-as dos perigos. Um dia o pastor decidiu que levaria as ovelhas para um melhor pasto que ficava além de um grande rio. Como não existia ponte por aí perto, ele arranjou uma grande lancha que era empregada para o transporte de automóveis e camiões. Com muito cuidado o pastor e os seus cães guiaram as ovelhas para a lancha. Quando a lancha ficou cheia de ovelhas, começaram a travessia do rio. Tudo correu muito bem até o meio da viagem; então, de repente, por uma razão desconhecida, um velho carneiro, o chefe do rebanho, saltou para a água.

Antes que se fizesse qualquer coisa para as deter, todas as ovelhas saltaram para o rio caudaloso, e a maioria perdeu-se. Como vêdes, as ovelhas sempre seguem o seu chefe.

Tão estranho como parece, há muita gente como as ovelhas: seguem o seu chefe. Muita gente gosta de deixar que outros pensem por eles. De vez em quando há uma pessoa que tem a coragem de manter-se naquilo que crê, sem cuidar do que os outros digam ou façam.

A diferença entre seres humanos e animais está na faculdade de raciocinar, de pensar, de tirar conclusões certas. A escolha é um dos dons mais preciosos concedido por Deus.

É muito importante escolher bons associados e ter Jesus como o nosso amigo mais chegado. Se Jesus é o nosso amigo e andamos com Ele, não será tão fácil seguir maus amigos no mau caminho.

#### Quem é um bom amigo?

De certo que já viram várias espécies de moedas de prata. Já viram o empregado de uma loja pegar numa moeda acabada de entregar por um freguês e deixá-la cair numa pedra? Ouve-se então um som claro como o de uma campainha. Por vezes uma moeda não dará um som tão claro porque é falsa. É feita de metal barato, sem valor, e não de prata. O caixa não aceitará tal moeda para pagamento de mercadorias, porque não é o que parece. É sem valor. Da mesma maneira, a pedra das circunstâncias provará o metal, os princípios, do jovem cristão. A escolha dos vossos amigos provará

a autenticidade da vossa experiência cristã.

Pode acontecer por vezes encontrar-vos de repente lançados em companhia agradável e atractiva. Acaso descobrireis que dizem e fazem muitas coisas que não podeis dizer ou fazer se sois verdadeiramente amigos de Jesus, porque fazer tal coisa seria desonrá-l'O. Por um tempo podeis não compreender que estes companheiros estão influenciando a vossa vida. Gradualmente, contudo, o vosso comportamento está afectado até que de repente despertais verificando que estais em perigo. Se quiserdes estar firme nos princípios, não deveis hesitar, mas logo quebrar com as associações perigosas.

S. D. Gordon escreve: «Uma manhã com um amigo estava passeando perto da cidade de Genebra, onde as águas do lago precipitam-se em rápida queda para o Ródano. Estávamos ambos muito interessados pelo espectáculo estranho que se depara a tantos turistas. Há dois rios cujas águas se juntam aí, o Ródano e o Arve, o Arve desaguando no Ródano. As águas do Ródano são claras e límpidas. As águas do Arve correm em terras barrentas e são lamacentas, cinzentas e feias. Numa longa distância as duas águas são completamente distintas. São duas águas, dois rios num só leito, dum lado o belo azul das águas do Ródano, do outro lado as águas cinzentas do Arve, e a linha entre os dois é nitidamente marcada. E assim continua por longa distância. Então pouco a pouco misturam-se e o cinzento vai desbotando sobre o azul.

«Consultei então o livro-guia e os mapas e achei por que este rio permanece impoluído pelo seu vizinho por tanto tempo. Sua nascente está num *glaciar* a três mil metros de altitude. É nutrido constantemente pelo gelo a derreter e desce jorrando pelos vertentes abruptos dos Alpes suíços até o lago de Genebra e além. É o segredo da sua pureza, mantida ao lado do seu vizinho sujo.

«Nossas vidas devem de igual modo ter a sua nascente bem altas nas montanhas de Deus, alimentadas por um auxílio incessante. Só então poderemos ter pureza, e seremos movidos a contactar com os homens na terra. Devemos também manter-nos mais perto da fonte do que o Ródano em Genebra, para que as ondas que correm ao nosso lado não venham a influenciar-nos indevidamente. O contacto pessoal constante com Jesus será o princípio sempre novo de serviço.

### Podemos escolher

Podemos aprender muitas e valiosas lições da natureza. A Natureza é muitas vezes citada como o segundo livro de Deus, e de facto assim é. De certo que já reparastes nos bandos de aves voando. Quão maravilhoso é ver grandes bandos de aves em migração! Há uma coisa interessante de notar enquanto estas aves fazem o seu caminho através do céu: cada grupo é feito de aves iguais. Nunca vistes pardais voando num bando de pintarroxos, nem corvos voando em bandos de patos bravos. Há o velho ditado «Pássaros de penas iguais voam juntos» que é uma verdade provada. Creio que este provérbio tem a sua origem e aplicação nas pessoas. Pessoas que têm os mesmos interesses, os mesmos propósitos, que se estabelecem sobre os mesmos valores, apreciam estar juntos.

As aves não têm control sobre a sua espécie. Um corvo tem sempre de ser um corvo. Mas exercendo este dom de Deus que é a nossa faculdade de escolher, podemos escolher que espécie de pessoas queremos ser. Pertence ao indivíduo decidir se deseja aceitar Jesus como seu amigo, e uma vez a decisão tomada, ele pode andar com Deus e cada dia tornar-se semelhante a Cristo. Tornar-se semelhante a Cristo cada dia requer uma selecção cuidadosa dos nossos associados e em alguns casos, mudança completa de associados.

O fazendeiro que cultiva frutas passa grande parte do seu tempo a escolher. Num cesto de frutos, uma unidade estragada em contacto com outra provoca o estrago de outra. Estas duas partes de fruta podre, se não forem retiradas do cesto contaminarão todas as outras, e em breve todo o cesto será contaminado. É impossível uma maçã permanecer sã muito tempo num cesto de maçãs apodrecidas, porque depressa se torna como as que a cercam.

Jovem, qual será o teu caso? Acaso terás a companhia de «maçãs podres?» Acaso aqueles com quem estás associado diminuirão o teu desejo de seguir a Jesus? No teu grupo de amigos serás tu sempre uma influência para o bem? Os teus companheiros ajudar-te-ão a ser melhor cristão? Jesus nos ajudará a resolver o problema dos nossos associados se tão somente, como Enoch, procurarmos andar com Deus. Quanto mais perto d'Ele mais semelhante a Ele seremos, e por nossa vez ajudaremos os nossos amigos a ser melhores, também.

### Apelo

Jesus quer ser o nosso amigo. Ele quer que sejamos como Ele, e Ele nos ajudará a conhecê-lo melhor se tão somente lho pedirmos. Jesus quer que demos bom testemunho d'Ele, e Ele nos ajudará a resolver o problema do companheirismo e das associações. Ele nos ajudará a seleccionar aqueles amigos que possam ajudar-nos em nossa vida cristã se deixarmos a Ele o cuidado de guiar-nos pelo seu Espírito. Jesus deseja que sejamos uma influência para o bem para os nossos amigos, e é o que seremos entregando-nos a Ele por completo.

Esta manhã queria pedir aos que estão determinados a fazer o melhor com a ajuda de Jesus, e de honrá-lo nas suas associações, que se levantam comigo e cantam como o seu testemunho o cântico especial desta semana.

Quarta-feira, 23 de Março de 1960

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

### *No cuidado com o templo do meu corpo*

#### Conservemos, com diligência o templo do nosso corpo

«Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional». (Romanos 12:1).

No princípio, Deus criou os céus e a terra. Revestiu a terra de verdura, suscitou as lindas flores e fez com que surgissem as mais variadas plantas que produzissem os mais deliciosos frutos. Nas águas, criou Deus todas as espécies de peixes e outras vidas marinhas. Para alegrar os ares, criou as lindas aves com policromia das suas cores e com os seus melodiosos gorjeios; finalmente, criou, para habitarem à superfície da terra, as várias espécies de animais e plantas.

Depois de haver feito todas estas coisas maravilhosas, Deus coroou a magnífica obra das suas mãos, criando o homem. A Sagrada Escritura diz-nos que Deus formou o homem à Sua imagem e semelhança, formando-o do limo da terra. Soprando nele o sopro da vida, fê-lo alma vivente.

Ocorre, precisamente, perguntar, neste momento, de que é o homem constituído. E de que será composto o limo da terra?

Os cientistas dizem-nos que o corpo humano é constituído pelas mais variadas substâncias, tais como: água, cal, fósforo, ferro, cobre, zinco e outros minerais. Todos estes e outros elementos comprados numa droguaria, importariam nuns escassos escudos. Ora todos estes elementos reunidos nunca passariam de elementos inorgânicos, desprovidos de movimento, de sentimentos, de vida. Mas Deus soprou-lhes o sopro da vida e o homem tornou-se, assim, o templo do Espírito Santo.

#### A conservação do templo

Os edifícios modernos são traçados, planeados e executados com todo o cuidado. Mas os arquitectos têm de fazer muitos desenhos, muitas plantas, muitos projectos, antes de apresentarem o definitivo, que depois será levado a cabo. Mas não tenhamos dúvidas de que não há nenhum edifício da terra que tenha sido mais cuidadosamente planeado que os templos dos nossos corpos.

Mas não basta traçar a planta e depois construir o edifício. Depois da construção, necessita ainda de ser continuamente vigiado, de ser reparado, de ser conservado. Tem de ser mantido com asseio, devidamente limpo, pois não há nada mais triste do que ver um prédio votado ao abandono, sujo, enegrecido, a ameaçar ruína. E recorre-se até às companhias de seguro para se ter a garantia de que nem tudo se perderá, em caso de incêndios ou de outros prejuízos. De noite, há os guardas encarregados de os vigiar; de dia, ainda há os porteiros, encarregados de vigiar as pessoas que entram ou saem. E para que haja todas as garantias de segurança, também se efectuam, de tempos a tempos, vistorias tanto dos serviços dos bombeiros, como dos serviços sanitários.

Ora, se para os edifícios meramente temporais se empregam tantos cuidados, aliás merecidos, — que diremos dos cuidados, dos desvelos com que deveremos cercar esse admirável edifício que é o templo do nosso corpo?

Efectivamente, não se trata de nenhum potentado da terra, que habite neste nosso templo. Trata-se do Espírito Santo que habita neste nosso templo, que é o nosso corpo. Dizei-me, portanto, preza-dos jovens, se não teremos obri-

gação de preparar, convenientemente, para tão elevado Hóspede, o templo do nosso corpo? Por isso temos de vigiar, cuidadosamente, sobre nós mesmos, para que os nossos sentidos sejam disciplinados, para que os nossos pensamentos sejam elevados, para que os nossos sentimentos sejam puros. Por isso o sinal do Cristão é bem patente aos olhos de todos, pelo cuidado que ele tem da sua saúde e do seu corpo.

#### As marcas da Casa

Todos nós já temos visto latas e caixas de frutas de conserva; todas elas têm a marca da casa, que é precisamente, o distintivo, pelo qual um determinado produto se torna conhecido e apreciado, em toda a parte. A marca da casa é, portanto, um sinal, que indica o conteúdo e até a sua qualidade.

Ora também os Cristãos têm o seu sinal distintivo, que poderemos dominar de marca da casa, pela qual se distinguem dos que não são Cristãos.

Lembremo-nos como o apóstolo Paulo foi lançado na prisão, porque era leal a Jesus. O apóstolo S. Paulo foi açoutado, foi lapidado, sofreu muito, a ponto de que tinha no seu corpo os sinais do Senhor Jesus.

Quando Napoleão se lançou no propósito de conquistar o mundo, entre outros países, como se sabe, invadiu a Rússia. Entrando numa aldeia, no seu avanço, encontrou-a, totalmente, deserta. Todos os habitantes se tinham refugiado na floresta vizinha, à excepção de um lenhador, que ficou à porta da sua casa e presenciou a entrada do exército invasor. O comandante ordenou a um dos soldados que

disparasse contra aquele homem e que o matasse; o soldado ergueu a espingarda e apontou-a contra o lenhador, que sem nenhum sinal de medo, se aprumou, ainda mais. O comandante admirado mandou suspender o fuzilamento, mas ordenou que o homem fosse marcado; assim fizeram, marcando o lenhador com um ferro em brasa, numa das mãos. A marca era um «N» gravado a fogo na carne.

— Que significa isto? perguntou, calmamente o lenhador.

— É a marca do imperador Napoleão. Mostra que daqui para o futuro, ficas a pertencer a Napoleão.»

Sem dizer uma única palavra, o lenhador entrou na sua casa, donde voltou com um machado e colocando a mão em cima de monte de madeira, cortou-a de um só golpe como o machado.

«Agora, disse o homem, já não pertença a Napoleão. Sou russo e pertença ao Czar.»

Este lenhador era fiel ao seu soberano; a mutilação da mão era um sinal, a marca da sua lealdade ao seu imperador, o Czar.

Os Cristãos não têm necessidade de possuir sinais ou marcas físicas no corpo para indicarem que pertencem a Jesus Cristo.

A melhor «marca da casa» do cristão é a sua lealdade.

Os Jovens Adventistas mostram a sua lealdade a Jesus, guardando e seguindo, dedicada e fielmente, o Código da Legião de Honra dos MV.

A «marca da casa» que mais facilmente é vista e entendida pelo mundo é o testemunho de uma vida sã.

Já lá vai o tempo, em que os Adventistas estávamos sós a proclamar os perigos do tabaco. Éramos, então, considerados quase por toda a gente como pessoas «esquisitas», porque denunciávamos, vigorosamente, os perigos do tabaco, sob todas as suas formas. É que através do Espírito Santo éramos devidamente doutrinados e advertidos contra tais perigos, pelo que ninguém podia ser aceito como membro da nossa igreja, sem que primeiramente tivesse renunciado à

prática do tabaco. A tentação era grande, porque muita gente fumava, vivendo-se quase só em atmosferas de fumo. Velhos e novos assediavam, continuamente, a nossa juventude, convidando-a a fumar.

Felizmente, hoje, já não estamos sòzinhos na condenação do tabaco. Os sábios têm afirmado, sem cessar, que o tabaco é uma das causas do cancro. Há milhões de pessoas que se encontram, presentemente, enfermas e que lamentam, talvez, tardiamente, o terem-se entregado a tão terrível vício.

Como nos devemos sentir agradecidos a Deus por ter protegido, durante todos estes anos o seu povo contra um tão grande veneno.

Uma das «marcas da casa» do verdadeiro Cristão é a ausência do tabaco, sob qualquer das suas formas.

Todos aqueles que se estão preparando para habitar na Pátria celestial, têm de conservar puro o templo do seu corpo, abstendo-se, totalmente, do tabaco.

Ora não é nada prudente experimentar, «só uma vez». O pecado é sempre pecado. Basta um único pecado para destruir a alma; basta uma pequena impureza para manchar o templo do Espírito de Deus.

### Cuidando do Templo

Eis o nosso sinal: «Honrarei a Jesus no cuidado com o templo do meu corpo.»

Já visitaram alguma igreja suja e mal cuidada? Se já alguma vez visitaram uma igreja nestas condições, pode afirmar-se que as pessoas que a frequentam, não sentem a presença de Deus, porque se a sentissem, com certeza que a teriam bem conservada e limpa.

Há pouco tempo, um nosso missionário empreendeu uma excursão através do interior da Nova Guiné Oriental. Visitou um pequeno vale, onde reside a tribo Bora Bora. Ninguém desta tribo tinha jamais visto um branco. O missionário cuidou dos doentes, e

doutrinou aquela gente, falando-lhes de Deus, da Criação e do amor de Jesus. Ali permaneceu durante algum tempo.

Numa manhã de Sábado, presenciei que os nativos andavam bastante ocupados, mexendo-se animadamente de um lado para outro. Desgostoso pensou consigo mesmo que aquela gente não era capaz de guardar o Sábado, porquanto ainda nos últimos dias lhes tinha falado largamente sobre a guarda do Sábado e eis que parecia que estavam a trabalhar afanosamente. Fez por isso o propósito de voltar a insistir no assunto; continuou a ler a sua Bíblia até que saíu; logo à saída da sua cabana, dirigiram-se ao seu encontro o chefe da aldeia acompanhado de todo o povo. Convidaram-no com toda a amabilidade a ir com eles. Levaram-no, então, até junto de uma linda e nova capela, feita de ramos e troncos de palmeiras, com a sua tribuna e com bancos, que eles tinham construído naquela manhã de Sábado. «Queremos uma casa nova e linda para estarmos aqui com Deus» — disseram eles orgulhosamente. Ninguém lhes tinha falado na construção da capela; mas tendo ouvido falar acerca do amor de Deus, sentiam-se na obrigação de lhe construir um templo humilde.

Ora nós que temos muitos mais conhecimentos do que aquela pobre gente, também temos muito mais responsabilidades com respeito aos nossos corpos, que temos de manter puros, pois são o templo do Espírito de Deus.

Tanto na nossa casa, como na escola, devemos ter aprendido, de certo, bons hábitos de higiene e de saúde: escovar os dentes, tomar banho, usar roupas e vestuário limpo, e comer alimentos bons. Pois todas estas coisas fazem parte da conservação do templo do nosso corpo.

Há milhões de pessoas que bebem cerveja e outras bebidas alcoólicas, mas tal prática não é da vontade de Deus.

Poderemos imaginar uma igreja que cheire a cerveja ou a uma sala de bebidas ou de fumo? É claro

Quinta-feira, 24 de Março de 1960

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

### *Na escolha de tudo quanto eu ouça*

#### Como devo falar e ouvir

Lemos na Sagrada Escritura: «O homem bom tira boas coisas do seu tesouro, e o homem mau, do mau tesouro tira coisas más. Do que há em abundância no coração, disso fala a boca.» (S. Mateus 12:35,34).

O coração é um dos órgãos mais importantes do corpo. É possível, em caso de doença, remover muitos dos órgãos do corpo, continuando o doente a viver, e a passar melhor. Mas ninguém é capaz de viver sem o coração. O coração é um dos órgãos mais vitais do corpo; é por isso, que se lhe atribui a sede da consciência e a fonte do pensamento, dos sentimentos e da acção. Sabe-se, hoje, que é a mente que realiza estas funções, mas nós, ainda hoje, tal como os nossos antepassados, referimo-nos à nossa mente, como se fosse o «coração».

Já, alguma vez, tomastes parte, numa excursão? Decerto, já todos nós efectuámos viagens. Começamos por fazer os nossos planos para a excursão, para a viagem. Preparámos as malas, os sacos de viagem, metendo neles tudo o que necessitamos, durante a viagem. Quando chegamos ao nosso destino, abrimos e desfazemos as malas, tirando de dentro delas o que lá metemos e, precisamente, só o que lá metemos.

Pois a nossa mente é um pouco parecida com este arranjo e desfazer das malas. Estamos viajando, durante toda a nossa vida; por isso vamos aprendendo e retendo o que observamos, ao longo desta nossa viagem; por isso só podemos tirar da mente, o que lá entrou, quer com o nosso estudo, quer com a nossa experiência pessoal, lendo, ouvindo, observando, comparando — numa palavra: aprendendo.

Por isso, só falamos aquilo que pensamos, o que sabemos.

«Quando a nossa mente habita com Jesus, também o nosso carácter está moldado de acordo com a semelhança divina. Os nossos pensamentos são, então, dominados por um sentimento da sua divindade, do seu amor. Contemplamos o seu carácter, e deste modo, Jesus está em todos os nossos pensamentos.» — *Mensagens aos Jovens*.

#### Falhas de energia

Acontece, por vezes, a quem viaja de automóvel, ter de se defrontar com uma avaria do motor. Por qualquer motivo — ou pelo lado da mecânica, ou pelo lado da electricidade, o motor vai-se abaixo.

Assim, também, por vezes acontece com alguns jovens que no

que não. O templo é o lugar onde habita o Espírito Santo, e o bar ou uma cervejaria são lugares onde habitam os maus espíritos.

Da mesma maneira os Cristãos não devem introduzir nenhum álcool no templo do seu corpo, pois é o templo do Espírito Santo.

Por isso a ausência de bebidas fortes na vida dos Cristãos é outra «marca da casa» da vida cristã.

#### Envergonhados da vossa Fé?

Temos, infelizmente, de verificar que alguns jovens Adventistas se envergonham de serem Cristãos. Envergonham-se de dizer que são Adventistas.

Há muitos anos atrás um jovem encontrava-se a prestar serviço no Exército Confederado do Sul. Este jovem estava às ordens do General Robert E. Lee o que muito o orgulhava. Um dia recebeu a notícia de que a mãe estava muito doente, pelo que pediu ao General que o autorizasse a ir vê-la. O General passou-lhe a autorização por escrito e lembrou-lhe a conveniência de se vestir de civil, visto a casa onde a mãe residia estar perto do teatro da guerra civil. Partiu apressadamente e quando chegou perto de casa, viu com inquietação que vários soldados da União estavam postados nas imediações. Foi feito prisioneiro, ao mesmo tempo que pensava que destino é que lhe dariam. Foi le-

vado à presença do comandante das tropas inimigas. Por toda a parte flutuavam bandeiras da União, por toda a parte se viam soldados da União. Se dissesse que era partidário dos Nordistas, seria posto em liberdade; mas se pelo contrário, dissesse que era pelos Sulistas, com certeza seria enviado para um campo de prisioneiros.

— «Quem és? — perguntou-lhe o oficial.

O jovem hesitou. Mas pensou no seu General e num instante respondeu:

— Sou soldado Confederado e estou às ordens do General Lee.

— Nesse caso és um espião. Serás fuzilado, amanhã ao nascer do Sol. Levem-no para o calabouço.

decorrer da sua vida cristã sentem que o «motor se vai abaixo». Em tais circunstâncias interrompem a marcha, que poderia ser festiva, na carreira da vida cristã. Nesta altura, também deixam de falar a linguagem cristã e ouvem coisas que Jesus não pode abençoar.

Tais jovens sofreram uma «avaria» no motor que impelia a sua vida de cristãos.

Prezados jovens! Sentis-vos perturbados com o pecado? Tendes tentações que vos levam a perder a vossa energia espiritual?

Quando um jovem se sente perturbado com tais tentações, quando perde a sua dignidade pessoal de cristão, é sinal de que perdeu aquela relação directa que havia entre a sua experiência, por um lado, e o estudo e meditação da Sagrada Escritura, e ainda a oração, por outro lado.

Por isso um jovem cristão não sofrerá nenhuma deficiência na sua vida espiritual, se, todos os dias consagrar alguns momentos à meditação e estudo das coisas espirituais, nomeadamente à oração.

O grande evangelista da juventude, S. Paulo, dizia: «Porque a palavra de Deus é viva e eficaz.»

«Se os jovens retirarem da Bíblia os tesouros que esta encerra;

se meditarem no perdão, na paz, na eterna justiça que coroam toda uma vida de abnegação — não sentirão desejos de quaisquer diversões mundanas.

«Jesus regozija-se, quando os pensamentos dos jovens estão ocupados nos grandes e nobres temas da salvação. O Salvador entra nos corações de tais jovens, como um hóspede amigo, e enche-os de alegria e de paz. E, assim, o amor de Jesus é como fonte de água viva, brotando eternamente.» — *Mensagens aos Jovens*.

Durante uma longa viagem, um viajante parou, de noite numa grande cidade, na América. Dirigiu-se para um hotel, onde lhe deram um quarto no oitavo andar. Não conhecendo ninguém na cidade, nem tendo nada que fazer, resolveu não sair; viu, então, em cima da mesa, uma Bíblia; pegando nela verificou que era semelhante a milhares de outras Bíblias, que são colocadas nos quartos dos hotéis, em várias partes do mundo, por um grupo de cristãos que se chamam a si mesmos «Gedeões». O nosso viajante descobriu naquela Bíblia que alguém escrevera, com letras bem destacadas, a seguinte frase, que muito o impressionou: «Este Li-

vro afastá-lo-á, a si, do pecado, e o pecado afastá-lo-á, também, a si, deste Livro.»

Já o rei David dissera: «Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti.» (Salmo 119:11).

Prezados Jovens e Irmãos! Repitamos todos juntos este belo versículo. (Repetir o versículo citado).

Sim, se a palavra de Deus estiver nos nossos corações; se as nossas mentes estiverem repletas com as verdades da Sagrada Escritura, isso ajudar-nos-á a manter-nos, de pé, bem firmes, quando formos tentados a ouvir os sons de Satanás, ou a dizer palavras, que Jesus não pode abençoar, nem sequer ouvir.

## Temos de escolher

Não há dúvida de que a rádio é uma invenção admirável, na qual poderemos aprender muitas lições. Tal como a Terra, cujas entranhas são profundas e escavadas pelas minas, assim também no ar se podem rasgar minas. O mineiro, que na sua faina de descobrir os metais preciosos escava a terra, donde retira montanhas de

— Meu comandante — disse o jovem — não sou espião. Estou vestido à paisana porque pedi licença ao General Lee para vir ver a minha mãe que está muito mal. A nossa casa é precisamente à beira da estrada.

O comandante ordenou então que o revistassem. Encontraram-lhe, apenas, a ordem escrita do General Lee.

O jovem olhou através da janela para a sua casa que se dividia ao longe e pensou que nunca mais lá voltaria. O comandante seguiu-lhe o olhar. Tendo-se informado rapidamente de que o jovem não mentia, disse-lhe:

— Parece que falas a verdade; por outro lado também não te en-

vergonhas de confessar a causa que serves. Estás livre. Se tivesses faltado a qualquer destes dois pontos, terias sido fuzilado.»

## Apelo

Prezado Jovem! Se negares o teu Comandante em Chefe, o nosso bendito Salvador, também Ele terá de te negar diante de seu Pai celestial; e tal atitude custar-te-á a vida eterna.

Façamos o propósito, prezados jovens, de pedir ardentemente a Deus que nos ajude a nunca nos envergonharmos de Jesus, mas pelo contrário, que nos ajude a sentirmo-nos orgulhosos de viver de acordo com os princípios que sa-

bemos serem os únicos verdadeiros.

Sejamos valorosas testemunhas de Jesus, guardando o nosso corpo, que é o templo de Deus, de tudo aquilo que o possa manchar, a despeito das solicitações do mundo ou da família ou dos amigos, ou até do grande inimigo do homem.

Quanto de vós se vão erguer, em sinal de testemunho, perante Deus, da nossa determinação de permanecermos firmes para honrarmos a Jesus no cuidado que devemos ter com o templo do nosso corpo?

(Quando os jovens se levantarem, convide-os a cantar o hino, e conclua com uma oração pedindo a ajuda de Deus para que se mantenham os propósitos feitos).



areias vê, muitas vezes, com dolorosa surpresa que só retirou... areia,... terra,... nada de valor. Mas não desanima; continua a escavar, ou vai abrir outro poço, vai rasgar outra mina. E como fica radiante, quando encontra as primeiras pepitas ou os primeiros diamantes!...

Todos nós consideraríamos verdadeiramente desastrado, ou louco, o mineiro que porfiasse em escavar num local, onde não encontrava nada de valor, donde não extraía nada que prestasse.

Ora, quando estamos, como que a minar as ondas da TSF que é que nós retiramos das emissões? Captamos lodo ou ouro? Está ao alcance das nossas mãos, de um simples girar de um botão, o poderemos captar um programa banal de música, de anúncios ou dramas de «pôr os cabelos em pé», ou de comédias duvidosas, quando não são, francamente más. Mas também podemos contar com um bom programa, de música seleccionada, inspirada, assim como palestras instrutivas, ou até mesmo emissões religiosas. Está nas nossas mãos escolher lodo ou ouro.

Ora, assim como o ar, a atmosfera estão repletos de tantas e tantas ondas, sonoras, luminosas e de TSF, assim também o mundo está repleto de ondas do amor de Deus. Deus tem um milhão de mensagens para os corações, e que encherão, exactamente, a necessidade, as aspirações de cada pessoa. O Creador conhece as necessidades de cada um de nós e compreende, perfeitamente os nossos corações e a nossa vida.

Mas, infelizmente, é possível termos o coração tão cheio, tão sobrecarregado com as coisas deste mundo, com os seus prazeres, com os seus interesses, com os seus baixos ideais, que assim não teremos possibilidades de ouvir a emissão de Deus, de captar a sua voz amorosa.

Prezados jovens! Temos de aprender a sintonizar as ondas das emissões divinas para captarmos a voz de Deus, para que possamos viver a verdadeira vida que será o prenúncio da vida eterna.

A voz de Deus falando-nos através da leitura da sua santa Palavra, através da oração e da meditação pode tornar-se tão audível ao nosso coração, como se torna audível a voz dos locutores e os programas que captamos com os nossos aparelhos de rádio.

Já experimentastes ouvir um bom programa de rádio, que vos interessa, quando no mesmo aposento se conversa em voz alta, com muitas gargalhadas ou quando alguém está a tocar, por exemplo, um piano? Para podermos ouvir a emissão que nos interessa e que está sendo, assim, tão perturbada, temos necessidade de concentrar toda a nossa atenção, chegando, inclusivamente, a colar o ouvido, junto do aparelho! Ora, muitas vezes os nossos corações e as nossas vidas são arrastados para as coisas do mundo, mergulhando no meio da vozeria e confusão das coisas materiais. Deste modo é com bastante dificuldade que poderemos ouvir a voz de Deus, pois a nossa mente e o nosso coração não se encontram devidamente preparados.

Quando nos preparamos para fazer oração, a nossa mente deve estar ocupada com as coisas que O Salvador deseja ouvir; de outro modo, a voz de Deus será abafada com os ruídos das coisas e dos interesses des mundo. A Irmã White deixou-nos dito o seguinte:

«A oração diária é um elemento essencial para podermos crescer na graça e na vida espiritual, da mesma maneira que necessitamos do alimento para podermos viver e crescer fisicamente. Devemos, portanto, habituarmo-nos a encher as nossas mentes com os pensamentos das coisas divinas, para então podermos orar como Deus quer.» — *Review and Herald*, 15 de Novembro de 1887.

Devemos encontrar, sempre, o tempo necessário para nos entregarmos à oração. Só ela é que nos dará o poder necessário para defrontar com decisão e vitoriosamente as dificuldades da vida. «Mas não vos esqueçais da beneficência e da comunicação» (Hebreus 13:16).

Se o coração estiver cheio do amor de Deus e se estiver repleto dos ensinamentos da Sagrada Escritura, e ainda, se a oração for diária e sincera, — então não teremos dificuldade em obedecer à vontade divina. Se Jesus habitar nos nossos corações, também nós não nos esqueceremos da beneficência, nem de partilhar a nossa fé.

### Pensar bem é bem viver

Os jovens que seguem a Jesus têm de falar e de conversar de maneira muito diferente daquela que a juventude mundana segue.

Uma vez que a mente do cristão deve estar cheia de pensamentos cristãos, de tudo aquilo que é bom, as suas conversas não devem ser ocupadas com as coisas deste mundo, nem com os seus prazeres. A linguagem e as expressões do mundo não podem, nem devem entrar no seu vocabulário. Procurará honrar a Deus em todas as suas conversas. Deverá esforçar-se por ouvir, apenas, aquilo que lhe possa servir e o possa auxiliar para melhor alcançar os objectivos do cristão, nesta vida: — cumprir a vontade do Salvador.

Uma orquestra sinfónica é um grande grupo de músicos que tocam vários tipos e espécies de instrumentos, reunidos em diferentes naipes. Ora, no meio desta variedade de instrumentos, de percussão, de sopro, de cordas, há um bastante pequeno e que se faz ouvir, muito distintamente, no meio de todos os outros; é o flautim. Numa certa orquestra, quando num forte, todos os instrumentos pareciam apostados em fazer barulho, o flautinista pensou que no meio de tantos sons, poderia muito bem deixar de tocar a sua parte, tanto mais que tinha de soprar com muita força. Embora tivesse o flautim nos lábios e movesse os dedos, como se estivesse a tocar, a verdade é que não produzia nenhum som. Pois o maestro interrompe, de súbito a orquestra e grita: «Onde está o flautim? Onde se meteu esse flautim?».

Sexta-feira, 25 de Março de 1960

## HONRAR, HOJE, A CRISTO...

### *Na escolha de tudo quanto eu veja*

#### Honrar a Cristo hoje naquilo que contemplar

Texto: «Os meus olhos estão continuamente no Senhor.» Salmos 25:15.

O Sol resplandecia no Céu sem nuvens e Jesus caminhava vagarosamente pela rua rodeado duma multidão de pessoas. Ali ia o rico nos seus brilhantes e coloridos vestidos e o pobre no seu singelo, mas mais prático vestuário. Rapazes e meninas de ambas as classes seguiam também o Mestre. De súbito um jovem veio a correr pela rua em direcção à multidão. Era alto, forte, de boa aparência e corria rapidamente.

A multidão parou esperando a aproximação do jovem. Onde iria ele com tanta pressa? Viria ele ver Jesus? A pergunta depressa foi respondida pois que ele correu directamente para Jesus e parou. A Bíblia diz-nos que «Jesus vendo-o, amou-o».

Este jovem não é diferente dos outros aos olhos de Jesus. Jesus

vê cada um de vós e ama a cada um de vós assim como amou aquele jovem naquele dia há muitos anos. Esta semana nós tomaremos tempo para meditarmos acerca deste maravilhoso amor que Jesus tem por cada um de nós.

Alguns anos atrás um campo-nês e sua esposa que residiam numa aldeia perto de Varsóvia, na Polónia foram assistir a um casamento numa outra aldeia vizinha. Começou a ficar muito frio durante a noite e eles foram incapazes de chegar a casa antes do outro dia de manhã. Eles tinham deixado a casa entregue a seus dois filhinhos de 6 e 4 anos. Parece que na tarde desse dia as crianças tinham saído para brincarem um pouco na neve. Enquanto eles estavam a brincar a porta congelou de tal maneira no seu lugar que foi impossível aos dois rapazinhos abri-la e entrar em casa. Não havia vizinhos por quem chamar. As crianças não puderam suportar o severo frio e gelaram e morreram na soleira da sua própria porta.

Quando foram encontrados os corpos das criancinhas — vítimas da falta de cuidado dos pais e da aspereza da noite — viu-se que o rapazinho mais velho tinha feito todos os esforços para salvar o mais novo. Tirara os seus próprios sapatos e calçara-os a seu irmão por sobre os seus sapatos, ficando ele descalço, a abraçar o outro pequenino num rígido abraço. Mas tudo tinha sido em vão. Ambos repousavam no forte abraço da morte.

Evidentemente que não podemos olhar para este sacrifício praticado pelo heróico irmão mais velho sem que o nosso coração estremeça de admiração; sacrificava-se pelo seu irmão que decerto toda a sua vida lhe dera alegria e conforto. No fim de contas era o amor respondendo ao amor. «Mas Deus prova o Seu amor connosco em que, sendo nós ainda pecadores, Cristo morreu por nós.» Existe algum amor como este?

Jesus é nosso irmão mais velho e porque nos ama Ele deu a Sua

É que o maestro conhece a partitura, conhece e distingue cada um dos instrumentos e conta com cada um deles em todo aquele conjunto de sons e de harmonias; por isso se algum falha, o seu ouvido apuradíssimo dá imediatamente pela falta.

Prezados jovens! No tumulto deste mundo, o nosso Salvador está ouvindo aquilo que cada um de nós executa. Estamos nós falando acerca d'Ele? Estamos nós executando, exactamente, o papel que nos compete, nesta grande orquestra, papel este que é o de cristãos, que é o de jovens cristãos? Estamos nós, também, ouvindo a voz do nosso Salvador? «E os

teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes, nem para a direita, nem para a esquerda.» (Isaías 30:21).

#### Apelo

Prezados jovens, façamos um rápido exame de consciência.

Temos descurado a entrada de pensamentos inúteis, importunos, impróprios de um cristão, dentro da nossa alma? Temos assistido a programas de rádio e de televisão que longe de contribuírem para a nossa edificação espiritual,

só servem para gastar tempo e entibiar a vida religiosa? Temos negligenciado o estudo da Sagrada Escritura e da oração? Estamos nós sinceramente dispostos a modificar estes maus hábitos, resolvendo pedir a Deus que nos ajude neste sentido?

Jovens! Curvemos as nossas cabeças, fechemos os olhos em recolhimento, e entoemos o nosso cântico.

*(Prosseguir com uma oração. Seria conveniente concluir com testemunhos da parte da Juventude, testemunhos que encorajam a todos a seguirem de mais perto o nosso bendito Salvador).*

vida por nós. Não precisamos morrer eternamente. A morte não é para nós o fim de tudo, porque Jesus, vendo-nos, amou-nos e sacrificou-Se a Si mesmo por nós. Nós só temos que seguir o caminho que Ele nos mostrou para obtermos as glórias do céu. Não podemos então nós tomar a determinação de honrá-l'O em dada fase da nossa vida?

### Transformados pelo olhar

A maior parte de nós desfruta de boa saúde. Somos fortes, capazes de correr, de brincar, de trabalhar, de saltar. Todavia há alguns que não têm esse privilégio. Filipe era um desses que não tinha essa fortuna. Filipe nasceu há muitos anos na Europa. O seu pai era um rico soberano que vivia num bonito castelo. Um dos maiores desgostos do rei era que o seu único filho, Filipe, fosse encurvado. Era muito difícil para o pequeno Filipe passear; assim passava ele a maior parte do seu tempo lendo, e jogando com os servos do palácio que tomavam conta dele. Um dia veio ao palácio um escultor que fez uma estátua do rei. Esta foi colocada numa praça pública perto da cidade. Filipe ao ver a estátua de seu pai, alto e simpático, começou a desejar ter uma estátua de si mesmo. Pediu a seu pai para ordenar ao escultor que fizesse uma estátua sua. O rei atendeu ao pedido e assim o escultor começou o trabalho. Filipe posou pacientemente, mas o trabalho só teve andamento quando Filipe fez um pedido ao artista.

«Por favor», pediu timidamente Filipe, «não poderia o senhor fazer a minha estátua não como eu sou, mas como são os outros rapazes?»

O artista sorriu e disse que levaria em consideração esse pedido. No devido tempo a estátua estava terminada e que bonita estava! Foi colocada numa clareira afastada do jardim do palácio e ali ficou — alta, direita, varonil. Diariamente Filipe deixava as suas leituras, os seus jogos e os seus

companheiros e ia à clareira do jardim onde estava a sua estátua e ali ficava a contemplá-la durante horas seguidas. Parecia que nunca se cansava disso.

O tempo ia passando e à medida que os dias iam correndo Filipe tornou-se mais activo. Aprendeu mesmo a montar e a atirar. Não havia nada que qualquer jovem na corte fizesse que Filipe não pudesse fazer melhor. A pergunta que todos faziam no palácio era: «O que é que fez Filipe modificar-se tanto? Ele costumava ser tão encurvado e tão fraco, mas agora está forte e direito!» A resposta foi encontrada na estátua. Como Filipe olhasse diariamente para ela e desejasse ser como ela, ele endireitou-se a si próprio. Desenvolveu-se mais e mais até que ficou como o objecto que ele contemplava.

### Preparando-nos para Jesus

Queridos jovens mais pequenos! Jesus vê a cada um de nós aqui, e vendo-nos Ele ama-nos. Ele é o nosso irmão mais velho. Deu a Sua vida para nos redimir. Certamente que estamos agradecidos pelo amor de Jesus e apreciamos o Seu sacrifício. Nós desejamos estar como Ele. Nós desejamos estar preparados para ir ao seu encontro, quando Ele nos vier buscar. Mas a pergunta que devemos fazer a nós próprios é a seguinte: «Estamos nós preparados para O encontrar?» Temos de ser como Ele se desejamos ir com Ele para o lar celestial.

Nós tornamo-nos como as coisas que contemplamos. O que é que nós costumamos ver? Estamos nós honrando a Deus nas coisas para que olhamos? Satanás sabe que a mente é influenciada a pensar as coisas que os olhos vêem e por isso experimenta levar-nos a pensar em muitas coisas más, apresentando-nos tentações para que os olhos as contemplem em dado momento. Por isso temos de ter muito cuidado naquilo que olhamos, porque as mentes são levadas a pensar nisso. Há coisas que o cristão não

deve ver nem ouvir e delas deve fugir. Quando nós olhamos para coisas más, os anjos de Deus ficam tristes e desviam a sua vista de nós e daquilo que estamos a ver. Tudo quanto nós vemos devem ser coisas que os anjos possam ver.

### Deslocados, mas fiéis

Há muitos, muitos anos viveu um jovem que teve a boa fortuna de ter bondosos e amoráveis pais, que serviam a Deus e faziam tudo quanto podiam para darem a seu filho a melhor educação possível. Ele ia à Escola Sabatina e desde pequenino decidiu que havia de ser fiel a Deus. Este menino tinha muitos bons amigos que como ele viviam uma boa vida cristã. Tinha também, maus amigos que às vezes o convidavam a ir a lugares onde se faziam coisas mal feitas, mas ele olhava para o Céu e fazia a si mesmo esta pergunta: «Se eu fizer isto, estarei honrando a Deus?» E não ia.

Chegou o dia em que houve uma terrível guerra na sua terra. Soldados inimigos vieram, destruíram as cidades, aldeias e vilas. As casas bonitas eram destruídas e queimadas. Milhares de pessoas perderam a sua vida e milhares de outras foram feitas prisioneiras. O jovem Daniel estava entre os que foram feitos prisioneiros. Ele arrastou-se então numa penosa marcha de quilómetros e quilómetros com muitas outras pessoas, sem comer nem beber e sob um sol escaldante. Ele andou, andou, mas sempre com uma prece no seu coração para o Senhor o guiar e o ajudar a ser fiel. Finalmente chegaram à capital do país conquistado e foram colocados num campo de concentração para esperar não sei o quê.

As pessoas que os tinham prendido decidiram seleccionar um pequeno grupo de prisioneiros para um treino especial. Aqueles que eram mais inteligentes seriam escolhidos para levarem o melhor treino na corte do rei. Assim eles beneficiariam não só dos bens das

pessoas que eles aprisionaram, como ainda do melhor das suas esclarecidas inteligências.

Daniel estava também entre estes que foram escolhidos e assim ele viu-se transferido daquele horrível lugar para um magnífico palácio cheio de todas as coisas boas, rodeado de riquezas. No fim de contas ele era um jovem e os jovens gostam de ter uma vida alegre, de comer e beber bem, de dançar, de folgar, de experimentar toda a espécie de brincadeiras e prazeres que existem numa grande cidade. No entanto, Daniel sabia que não era recto viver assim, dessa maneira e a Bíblia diz-nos: «Mas Daniel propôs no seu coração não se contaminar». Daniel 1:8.

O que é que vós vos propusestes nos vossos corações?

Não desejais que nos proponhamos em nosso coração sermos cada dia mais semelhantes a Jesus?

## Apelo

Jesus fez tanto por nós! Ele vê a cada um de nós aqui hoje e Ele ama-nos. Convida-nos a segui-l'O. Ele sabe que nós desejamos ser cada dia mais semelhantes a Ele. Eu sei que o Espírito de Deus está falando ao vosso coração convidando-vos a responder ao grande amor d'Aquele que deu a Sua vida a fim de que nós fôssemos limpos do pecado e tivéssemos a vida eterna. Vamos todos fechar os nossos olhos e baixar as nossas cabeças enquanto eu oro. Depois da oração conservai ainda um pouco os vossos olhos fechados e as vossas cabeças inclinadas.

*(O dirigente orará então pedindo que cada um possa determinar em seu coração responder ao amor de Deus e possa com a ajuda de Deus propôr-se determinar honrar a Cristo naquilo que contemplar).*

É agora, enquanto temos ainda as nossas cabeças curvadas e os nossos olhos fechados, eu gostaria de fazer uma pergunta: «Há aqui pessoas que reconhecem que o diabo as procura tentar levando-os a ver coisas que não devem ser vistas; rapazes e meninas que têm grandes tentações com programas de televisão e até filmes e leituras que não devem ser vistas, mas que desejam a vitória sobre estas coisas? Se assim é levantai as vossas mãos. Ninguém senão Jesus vos vê e Ele está esperando. Ele chama a ti e a ti: «Meu filho, (minha filha) dá-me o teu coração.»

*(Tende escrito no quadro a primeira estrofe e coro do hino 105 (Tudo, ó Cristo a Ti entrego) e cantai esse hino depois da resposta a estas perguntas. Terminai com algumas orações, ou divisão em grupos de oração).*

